



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
COORDENAÇÃO GERAL DOS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III – GUARABIRA/PB
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
4ª TURMA DE ESPECIALIZAÇÃO:
GEOGRAFIA E TERRITÓRIO: PLANEJAMENTO URBANO, RURAL E
AMBIENTAL**

Linha de pesquisa: Geografia Cultural e Percepção

**GEOGRAFIA CULTURAL E REGIONALISMO NORDESTINO NA
PERSPECTIVA DA POESIA POPULAR DE JESSIER QUIRINO**

ÉRICA GOMES DA COSTA MARIANO

GUARABIRA-PB,
Dezembro de 2020

ÉRICA GOMES DA COSTA MARIANO

**GEOGRAFIA CULTURAL E REGIONALISMO NORDESTINO NA
PERSPECTIVA DA POESIA POPULAR DE JESSIER QUIRINO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC - MONOGRAFIA) apresentado junto à coordenação do curso de Especialização em Geografia e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus III em cumprimento aos requisitos necessários para obter o título de Especialista em Geografia. Sob a orientação do Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues.

Linha de Pesquisa: Geografia Cultural e Percepção.

GUARABIRA-PB,
Dezembro de 2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M333g Mariano, Erica Gomes da Costa.
Geografia cultural e regionalismo nordestino na perspectiva da poesia popular de Jessier Quirino [manuscrito] / Erica Gomes da Costa Mariano. - 2020.
73 p. : il. colorido.
Digitado.
Monografia (Especialização em Geografia, Território e Planejamento: Urbano, Rural e Ambiental) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2020.
"Orientação : Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues, Departamento de Geografia - CH."
1. Geografia cultural. 2. Poesia popular. 3. Identidade geográfica. I. Título

21. ed. CDD 910

ÉRICA GOMES DA COSTA MARIANO

**GEOGRAFIA CULTURAL E REGIONALISMO NORDESTINO NA PERSPECTIVA
DA POESIA POPULAR DE JESSIER QUIRINO**

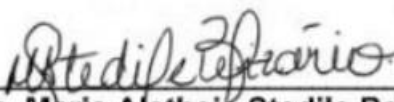
Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à banca examinadora da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para cumprimento do curso de Especialização em Geografia e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental.

Aprovada em: 02 de dezembro de 2020.

Banca Examinadora



Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues - UEPB/CH/DG
Orientador (Doutor em Geografia pela UFRN)
OUPB-Campus III



Prof. Ms. Maria Aletheia Stedile Belizário
Mestrado Acadêmico em Geografia MAG/UECE
Mat. 3.22952-1 - Departamento de Geografia
UEPB-Campus III.
(Examinadora)



Prof. Mestra Sharlene da Silva Bernardino
Mestre em Geografia- UFPB
Mat.3298841-0- Departamento de Geografia
UEPB-Campus III.

Dedico este trabalho aos meus familiares,
em especial a Mariano, Brenda e Luísa,
marido e filhas que tanto amo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que em todos os momentos se fez presente em minha vida, dando coragem e força, quando a vontade era desistir. Ele me deu a resistência para continuar;

In memoriam, aos meus avós e pais, Sebastião Francisco de Macêdo, Maria de Lourdes Gomes de Macêdo, Edson Xavier da Costa e Josefa Gomes da Costa, pois além da minha gênese, foram e são meus modelos de seres humanos. A eles atribuo minha educação enquanto pessoa e ser. Eles que me ensinaram a ser leal aos meus princípios, e buscar ser um ser humano melhor a cada dia. E mesmo não estando mais nesse plano, estarão sempre vivos em minhas memórias, pois eles me deram a vida;

Aos meus irmãos, Edilson Gomes da Costa e Elba Gomes da Costa, por todo incentivo e companheirismo. Eles sempre torceram pelas minhas conquistas, incluídos meus sobrinhos e sobrinhas: Lucas, Eduardo e Renata;

As minhas filhas, Brenda Mariano Gomes da Costa e Luísa Mariano Gomes da Costa, meus “amores divinos”, como gosto de chamá-las. A elas todo meu amor e carinho, são elas que me fazem querer viver. Estendo esse carinho a Vitor Mariano, meu enteado e tradutor do resumo para o inglês;

Ao meu esposo, Belarmino Mariano Neto, que assim como Brenda e Luísa, ocupa um lugar significativo em meu coração, sempre presente e incentivando a continuidade dos meus estudos, cobrando e ajudando nas correções dos meus apontamentos;

Ao meu orientador, Leandro Paiva do Monte Rodrigues, sempre atencioso e decisivo em respeitar minhas escolhas temáticas e as mudanças de linhas e objetivos para esse estudo. Estendo estes agradecimentos a sua família, a esposa, Letícia Dionísio e a filhinha Lys, que cederam um pouco do tempo em família para que o professor Leandro pudesse orientar-me.

Aos meus amigos e amigas da turma, Geisa, Marcia, Janayna, Jordana, Wellington, Lenilma, Marcilene, Severino (Biu), Assis, Patrícia, Alice, Aníbal, Renata, Arimathéia, Jonas, Aparecida, Mariana, Daniele, Rafael, Lindaiane, Edson, Marcos, Carla, Jenifer e David. Encontros de sábados, todos marcados por boas conversas.

Uma turma animada, corajosa e comprometida com o saber acadêmico, muitos dos quais, indo além, buscando mestrados e impulsionando todos para o fazer científico;

A todos os meus professores, começando por “Tia D’Arque”, minha primeira professora, no maternal, passando por todos os meus mestres do ensino fundamental, até a graduação, por todos os conhecimentos, os quais foram de muita importância para minha vida. Em especial para os que se dedicaram ao curso de Especialização, tanto do quadro efetivo, quanto os professores substitutos. Entre eles: Ana Carla, Alethéia Stédile, Belarmino Mariano, Carlos Belarmino (In memoriam), Edvaldo Lima, Elton Oliveira, Ivanildo Costa, José Mácio, Lanusse Tuma, Leandro Paiva, Luciene Arruda, Luiz Arthur, Michele Moraes, Sharlene Bernardino, Regina Nogueira e Thiago Brandão. Agradecer aos professores convidados que sempre nos apresentaram novas abordagens e metodologias, entre eles: Marco Mitidiero, Gilmar do MST, Xisto Serafim, Rafael Xavier;

A Banca examinadora, Professores Leandro Paiva (orientador), Aletheia Stedile e Sharlene Bernardino, pelo aceite em orientar e participar da avaliação desse trabalho; Aos Coordenadores do Curso, Professores Belarmino e Luciene Arruda, pois sempre estiveram presentes em nossas atividades, incentivando e atendendo as nossas demandas;

Ao Departamento de Geografia, representado pelo Prof. Leandro Paiva e a equipe de técnicos, como Walmir e Elisangela, sempre atendendo as nossas demandas;

Ao Centro de Humanidades, nas pessoas das professoras Ivonildes Fonseca e Cléoma Toscano, pois deram todos os incentivos para que nosso curso funcionasse dentro da legalidade e estruturas necessárias;

Aos Funcionários do CH, na pessoa de Amarildo Henriques de Lucena, sempre disponível em atender nossas demandas, e com ele toda a equipe do apoio e limpeza, pessoal guerreiro e que sem eles nada funcionaria dentro dos padrões exigidos. Ao pessoal da segurança; sempre dispostos a ajudar;

Ao Governo do Estado da Paraíba e a Universidade Estadual da Paraíba, por usar os recursos dos nossos impostos para financiar este curso de Especialização e a manutenção de uma educação superior, pública, gratuita e de qualidade.

Gostaria de agradecer aos compadres e comadres Luciene Arruda e Amarildo Henrique; Joana Paula e João Andrade, além de Marco Antônio e João Miguel, pois foram fundamentais para essa viagem literária, onde nos encontramos com o poeta Jessier Quirino.

Um forró pé de serra
fogueira, milho e balão
um tum-tum-tum de pilão
um cabritinho que berra
uma manteiga da terra
zoadá no mei da feira
facada na gafeira
matuto respeitador
padre prefeito e doutor
os home mais entendido
isso é cagado e cuspidó
paisagem de interior (Jessie Quirino)

ESPECIALIZAÇÃO EM GEOGRAFIA E TERRITÓRIO: PLANEJAMENTO URBANO, RURAL E AMBIENTAL/UEPB/PRPGP/CH/DG (IV TURMA).

TÍTULO: GEOGRAFIA CULTURAL E REGIONALISMO NORDESTINO NA PERSPECTIVA DA POESIA POPULAR DE JESSIER QUIRINO

LINHA DE PESQUISA: Geografia Cultural e Percepção

AUTORA: MARIANO, Érica Gomes da Costa – Matrícula: 18.0125.0009

ORIENTADOR: Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues (UEPB/CH/DG)

EXAMINADORAS: Profa. Ms. Maria Aletheia Stedile Belizário (UEPB-CH-DG)
Profª. Ms. Sharlene da Silva Bernardino (UEPB/CH/DG)

RESUMO

A Geografia Cultural e Regional, enquanto linhas de estudo que valorizam os territórios e lugares de exercícios culturais. Neste estudo, focamos em abordagens teóricas atentas as mensagens que expõem elementos culturais, locais e regionais, explorando situações espaciais, territoriais e paisagísticas em que, a cultura e a geografia foram realçadas pela análise dos trabalhos literários do poeta popular Jessier Quirino (2001 - 2013). As obras: “Paisagem de Interior” (1996); “Prosa Morena” (2001); “Berro Novo” (2009) e; “Papel de Bodega” (2013), foram escolhidas enquanto objeto de investigação. O poeta, escritor, compositor e declamador, trata com frequência em suas obras, temas de interesse e identidade local, regional e territorial que são reconhecidos e expressos nas obras selecionadas para o estabelecimento do estudo. O método consiste em uma pesquisa bibliográfica, em que as obras literárias escolhidas foram submetidas ao método de análise de conteúdo e análise do discurso (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005). Em teoria, foram usadas obras do poeta Jessier Quirino, também dos pensadores da Geografia Cultural, da Literatura e da Geografia em geral, ao exemplo de Claval (2003, 2011), Sauer (2003), Rosendhal; Corrêa (2003), Corrêa (2009). Em obras diretas ou indiretas, pois nas décadas de 1970 a 1990, houve uma significativa viragem teórica dentro da Geografia Cultural (CLAVAL, 2011), Silva; Almeida (2013) que afirmam ser a Geografia Cultural uma escola de pensamento também identificada como Geografia humanística. A Literatura a partir Suzuki (2017; 2018), Brosseau (2007; 2013), entre outros. A poesia popular de Jessier Quirino se coloca como depositária dos elementos territoriais, regionais, paisagísticos e do lugar, enquanto categorias fundamentais da Geografia, em que o poeta traduz enquanto simbologia e identidade de um povo, expressa através da linguagem poética, na qual a geografia vai se revelando enquanto poesia popular percebida, material e espacialmente.

Palavras-Chave: Geografia Cultural, Poesia Popular; Identidade Geográfica.

SPECIALIZATION IN GEOGRAPHY AND TERRITORY: URBAN, RURAL AND AMBIENTAL PLANNING/UEPB/PRPGP/CH/DG.

TITLE: CULTURAL GEOGRAPHY AND NORTHEASTERN REGIONALISM IN THE PERSPECTIVE OF JESSIER QUIRINO'S POETRY

LINE OF RESEARCH: Cultural Geography and Perception

AUTHOR: MARIANO, Érica Gomes da Costa – Matrícula: 18.0125.0009

ADVISOR: Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues (UEPB/CH/DG)

EXAMINERS: Profa. Ms. Maria Aletheia Stedile Belizário (UEPB-CH-DG)
Profa. Ms. Sharlene da Silva Bernardino (UEPB/CH/DG)

ABSTRACT

Cultural and Regional Geography, as lines of study that valorize territories and places of cultural practice. In this study, we focus on theoretical approaches attentive to messages that expose regional and local cultural elements, exploring spatial, territorial and landscape situations in which the culture and the geography were emphasized by the analysis of literary works from popular poet Jessier Quirino (2001 - 2013). The works: "Paisagem de Interior" (1996); "Prosa Morena" (2001); "Berro Novo" (2009) and; "Papel de Bodega" (2013), were chosen as objects of investigation. The poet, writer, composer and reciter, frequently deals with themes of interest and of local, regional and territorial identity in his works, which are recognized and expressed in the works selected to establish this research. The method consists of a bibliographic research, in which the chosen works will be subjected to the content analysis and discourse analysis method (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005). In theory, works from the poet Jessie Quirino were used, as well as works from Cultural Geography, from Literature and from Geography thinkers at large, following the example of Claval (2003, 2011), Sauer (2003), Rosendhal; Corrêa (2003), Corrêa (2009). In direct or indirect works, as in the decades from 1970 to 1990, there was a significant theoretical shift in Cultural Geography (CLAVAL, 2011), Silva; Almeida (2013) who affirm Cultural Geography to be a school of thought also known as humanistic Geography. The literature from Suzuki (2017), Brosseau (2007; 2013), and others. Jessier Quirino's popular poetry puts itself as a depository of territorial, regional, landscape and local elements, as fundamental categories of Geography, in which the poet translates as symbolism and identity of a people, expressed through poetic language, in which geography reveals itself as a noticed popular poetry, materially and spatially.

Keywords: Cultural Geography, Popular Poetry; Geographic Identity.

(Tradutor: MARIANO, V. H. S.).

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 -	Jessier Quirino nos recebe em sua casa em Itabaiana-PB.....	21
Figura 02-	Jessier Quirino autografando o livro Papel de Bodega em seu ambiente de trabalho	21
Figura 03 -	Balança de uma antiga bodega. Coleção de Jessier Quirino Itabaiana-PB	22
Figura 04 -	Duas rodas de um antigo moinho de pedras. Coleção de Jessier Quirino em Itabaiana-PB	22
Figura 05 -	Aquário de piões e carro de madeira. Coleção de Jessier Quirino em Itabaiana-PB.....	22
Figura 06 -	Cachorros vira-latas e outras esculturas em madeira. Coleção de Jessier Quirino em Itabaiana-PB.....	22
Figura 07 -	Rádio de pilha antigo. Coleção de Jessier Quirino em Itabaiana-PB.....	23
Figura 08 -	Escultura Patativa do Assaré. Coleção de Jessier Quirino Itabaiana-PB	23
Figura 09 -	Burro de carga em argila. Coleção de Jessier Quirino em Itabaiana-PB...	24
Figura 10 -	Escultura de Igreja, casarões e casebres. Coleção de Jessier Quirino em Itabaiana-PB.....	24
Figura 11 -	Pilões antigos. Coleção de Jessier Quirino em Itabaiana-PB.....	24
Figura 12 -	Mesa rústica redonda e objetos de decoração. Coleção de Jessier Quirino em Itabaiana-PB	24
Figura 13	Capa do livro Paisagem de interior de Jessier Quirino, Recife: Bagaço, 1996.....	46
Figura 14	Capa do livro Prosa Morena de Jessier Quirino, Recife: Bagaço, 2001...	52
Figura 15	Capa do Livro Berro Novo de Jessier Quirino. Recife: Bagaço, 2009.....	58
Figura 16	Caminhão de mudança – Livro Berro Novo de Jessier Quirino, 2009.....	60
Figura 17	Capa do Livro Papel de Bodega de Jessier Quirino. Recife: Bagaço, 2013	64
Quadro 01	Síntese das aproximações e afastamentos entre a análise de conteúdo e análise do discurso.....	27

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CH	Centro de Humanidades
DG	Departamento de Geografia
EDUERJ	Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro
EDUSP	Editora da Universidade de São Paulo
http	Hypertext Transfer Protocol
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISBN	International Standard Book Number
LP	Long Play
Org.	Organizadores
PRPGP	Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
PB	Paraíba
PE	Pernambuco
SP	São Paulo
RJ	Rio de Janeiro
UBEM	União Brasileira de Editoras de Música
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UMG	Universal Music International
WWW	World Wide Web

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 ANÁLISE DE CONTEÚDO E ANÁLISE DO DISCURSO NA PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA CULTURAL.....	19
2.1 CONHECENDO O POETA JESSIER QUIRINO: PESQUISA BIBLIOGRÁFICA, ANÁLISE DE CONTEÚDO E ANÁLISE DO DISCURSO.	19
2.1.1 Um Pouco da Morada do Poeta Jessier Quirino.....	20
2.1.2 A Análise de Conteúdo e a Análise do Discurso.....	25
2.2 ENCONTROS ENTRE A GEOGRAFIA CULTURAL E A LITERATURA	28
2.3 A GEOGRAFIA CULTURAL E OS ESTUDOS DOS LUGARES E PAISAGENS.....	34
2.4 GEOGRAFIA CULTURAL NA PERSPECTIVA REGIONAL E TERRITORIAL.....	39
3 “PAISAGEM DE INTERIOR”	45
4 “PROSA MORENA – CHICA BOA E ZÉ QUALQUER FAZENDO SALA NA COZINHA	52
5 “BERRO NOVO” – POESIA DITA, ESCRITA E MUSICADA.....	58
6 “PAPEL DE BODEGA” – PALAVRAS DEBULHADAS E GRAVADAS. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS.....	71
ANEXO	75

INTRODUÇÃO

Dentre os diferentes temas e abordagens geográficas, sempre aparece a humanidade e sua capacidade para produzir culturalmente, e na medida em que os humanos transformam a natureza em seus habitats, em suas produções agrícolas e criações de animais e em suas trocas econômicas, ficamos procurando um fio invisível que liga todas estas atividades humanas dentro da superfície terrestre. No conjunto de possibilidades, uma delas é a cultura, pois dentre os diferentes animais, um dos aspectos que diferencia os humanos é a capacidade de produção cultural (SILVA; ALMEIDA, 2013).

Para Claval (2011), a cultura é a ação conjunta de grupo, produzida em seu processo evolutivo e de transformação social, econômica e política. Todas estas importantes matrizes, sob as quais se desenvolveram ramos das ciências sociais e humanas, vemos como artifícios da cultura humana. Mas precisamos situar teórica e conceitualmente o que elegemos para este estudo, pois diante da complexidade do tema, cercar o objeto de investigação em um trabalho monográfico é fundamental.

Escolhemos trazer para o centro da nossa reflexão a Geografia Cultural e o regionalismo nordestino, a partir de uma análise geográfica sobre a poesia popular e os indícios em que, aparecem recorrentemente, abordagens geográficas no itinerário poético e literário, com temas que exploram categorias geográficas como: espaço, região, lugar, paisagem e território, entre outros, pois a nossa intenção foi extrair geografia dos argumentos poéticos dos trechos de algumas obras do poeta paraibano Jessier Quirino, entre as quais: “Paisagem de interior”, (1996); “Prosa Morena” (2001); “Berro Novo” (2009) e; “Papel de Bodega” (2013), Todas publicadas em Recife/PE, pela Editora Bagaço.

Além das obras escolhidas, o autor ainda têm outros livros como: “Agruras da lata d’água” (1998); “Política de pé de muro” (2002); “Bandeira Nordestina” (2006), além de livros infantis como: “Chapéu mal e lobinho vermelho” e “Miudinha”, além de CD’s e/ou DVD’s com recitais ou declamações de suas poesias, também disponíveis em seu Canal no Youtube (<https://www.youtube.com/user/jessierquirino>).

A escolha em analisar trechos de apenas quatro obras do autor, foi no sentido de adequação aos limites do TCC. Mesmo assim, comentamos alguns poemas das demais obras para referendar todo o percurso intelectual do poeta Jessier Quirino,

completando os objetivos em apresentar as diferentes categorias de análise da geografia a partir do percurso poético popular.

O poeta popular Jessier Quirino, dá vida literária aos objetos inanimados, recria com sua poesia o itinerário cultural do povo nordestino. Ele transforma uma conversa de bodega em temas literalmente geográficos, gerando perspectivas e imaginários que a linguagem popular nos permite contar. A poesia é local/regional, mas os temas são universais, pois retratam cotidianos humanos, logo, o que muda é a maneira de dizer, de contar em palavras ou declamações o espaço vivido ou vivenciado (HEIDRICH, 2008).

Suzuki (2018, p.4) argumenta que a Geografia Cultural também se encontra com a literatura, e destaca o autor Cláudio Benito Oliveira Ferraz, se referindo ao livro “Em busca do tempo perdido”, de Marcel Proust, “incursiona pelos meandros do cotidiano e sentimentos presentes nos territórios da vida, nas paisagens dos imaginários”. Então, ao escolher o Poeta Jessier Quirino como um dos escritores paraibanos que valorizam a literatura popular, temos em mãos, uma geografia feita de poesias e casos, ora imaginários, ora baseados na realidade social vivida pelo autor.

Para este trabalho selecionamos quatro obras literogeográficas de Jessier Quirino, com forte presença de conteúdos geográficos, entre elas: “Paisagem do Interior” (QUIRINO, 1996). Este livro é profundamente geográfico, pois o autor apresenta em versos, cartas poéticas e causos contados, elementos de identidade local, regional, paisagística e territorial típicos do lugar e da cultura vivenciada pelo autor desde a sua infância.

Na obra “Prosa Morena” (QUIRINO, 2001), o autor consegue apresentar em estilo prosa, dezenas de histórias e casos que se desenrolam no cotidiano de pessoas simples, de lugares típicos das cidadezinhas ou comunidades rurais no Nordeste, em especial das regiões Agreste ou Sertão. Lugares como bodegas, quintais, feiras, casas de taipas (feitas de trançados de varas e bolos de argila) de chão batido.

O autor chama a atenção do leitor para detalhes espaciais como uma cozinha de casa de fazenda ou uma cozinha com fogão de lenha, carvão, lugares domésticos aos quais estamos imersos e, nem sempre percebemos, enquanto diferenciações espaciais. Quirino (2001), ressalta as pessoas comuns como um “Zé Ninguém” e uma “Dona Chica Qualquer”, daqueles que lembram nossos avôs e avós. Nas tramas do autor conseguimos ver porteiras ou cancelas se abrirem, estradas empoeiradas e sobras do apêndice das casas em sítios ou povoados que formam o mundo rural.

O livro “Berro Novo” (QUIRINO, 2009), é recheado de histórias de vidas, de cartas distantes, de processos migratórios, tema recorrente em seus outros livros. Uma geografia muito bem “dedilhada em palavras”. O Autor expõe percepções geográficas que se estendem do Sertão até o Atlântico e do mar até o Sertão. Dos detalhes observados em um caminhão de mudanças a um milharal enfileirado, lembrando uma tropa militar. Alguns podem até achar que se trata de uma geografia pequena, mas na verdade, a poesia popular de Jessier Quirino é muito significativa, “mais maior que grande, coisas pessoas” (GONZAGA JÚNIOR, 1981).

“Papel de Bodega” (QUIRINO, 2013), é um livro que retrata os detalhes presentes em um caderno de fiados de uma verdadeira bodega do interior da Paraíba, mais especificamente do Cariri. O autor esclarece logo no começo da obra que ganhou essa caderneta de fiados, a qual denominou carinhosamente de “manuscritos do Cariri”, que pertenceu ao bodegueiro Joaquim Celestino, da Cidade de Ouro Velho PB – ano 1992. As poesias nesta obra chegam a ser nominadas com termos geográficos, ao exemplo de “Meteorologia”, “Geografia da Ternura”, “Cercas & fronteiras”, “Ecologicamente paz”, “Brisa sertaneja”, entre tantos outros que aqui ficaremos devendo, pois nem tudo se registra em um papel de bodega.

Gostaríamos de alertar que, seria impossível trabalharmos estas quatro obras na íntegra, dessa maneira, selecionamos alguns poucos os temas que se encontram ou dialogam diretamente com as categorias de análise da geografia, como: cultura, lugar, paisagem, espaço, território, sociedade e natureza, nessa transdisciplinaridade com a Literatura, Educação e com a Antropologia Cultural.

Nos interessamos em trabalhar tanto com as questões imateriais trazidas nas poesias, quanto com a materialidade que aparece nos argumentos do poeta Jessier Quirino. Nesse sentido, autores da Geografia que sugerem o materialismo e a práxis na geografia, foram utilizados indiscriminadamente, criando pontes entre os teóricos da geografia regional, da fenomenologia e do materialismo, pois as obras de Jessier Quirino permitem esses diálogos.

Como afirma Suzuki (2018), geografia e literatura caminham juntas desde os clássicos da Geografia, em que o autor destaca pensadores franceses, ingleses e americanos que em algum momento de suas obras fomentaram essa ligação. Muitos e possíveis são os caminhos de organização de uma pesquisa, por isso fizemos um cercamento temático ao campo da geografia cultural, considerando a geografia e a literatura poética de um autor.

A maneira ou método de investigação consistiu em uma análise textual das obras selecionadas, nas quais escolhemos os poemas, casos ou histórias contadas pelo autor, considerando as memórias e experiências contidas nos arranjos literários que dão vida geográfica, capaz de expor lugares, territórios, paisagens e regiões, todos na perspectiva culturalista. Na análise percebemos que a Região Nordeste se destaca no pensamento do autor, mas as demais categorias também são fortemente percebidas.

Jessier Quirino, consegue como poucos, construir uma metalinguagem ou metanarrativa (CEIA, 2010), que vai nas entranhas do vocabulário popular, expondo pensamentos profundos de um linguajar carregado de sotaques e de expressões, ou palavreados escritos com o jeito de falar nordestino, que para a língua culta parecem errados, pois explora um forte regionalismo. Mas graças a sociolinguística, Jessier Quirino explora muito bem, trazendo para a Geografia Cultural e Literatura, conhecimentos que remontam nossa identidade linguística de raízes ancestrais lusitana (latina), indígena e africana.

Este trabalho monográfico foi organizado em seis partes, sendo este o capítulo introdutório, no qual, expomos as linhas gerais do estudo, expondo o objeto de estudo a partir de obras literárias do poeta Jessier Quirino e a sua contribuição na análise de conteúdo, na área de Geografia Cultural.

O capítulo 2, discorre sobre os argumentos teóricos da Geografia Cultural e da Literatura Regional, tanto na perspectiva material quanto simbólica, enquanto bases da organização do Espaço Geográfico. Também foi exposto o caminho metodológico a partir da pesquisa bibliográfica e dos métodos de análise de conteúdo e análise do discurso, a partir de Rocha; Deusdará (2005), sem perdermos de vista os teóricos da Geografia que pensam a organização do espaço para além da cultura, pois o cultural só se materializa no espaço a partir das ações dos grupos sociais (HEIDRICH, 2008).

O capítulo 3 trata de trechos da obra “Paisagem de Interior” (Quirino, 1996), em que ressaltamos os elementos paisagísticos e identitários do Sertão Nordestino, além de outros importantes argumentos regionais como os temas da migração, feiras do Nordeste, cultura do cangaço e até mesmo questões religiosas afro-brasileira.

O Capítulo 4 foi construído com base na obra “Prosa Morena” (QUIRINO, 2001), livro em que vemos claramente uma aproximação direta entre a Geografia e a Literatura, pois os casos e histórias contados, como o próprio autor relata no prefácio, o livro é como se fosse uma grande e atemporal reunião de grandes nomes da

literatura popular nordestina ao exemplo de Patativa do Assaré, Cego Aderaldo, Zé Limeira e Zé da Luz, em que Jessier Quirino consegue dialogar com todos eles. Aqui os lugares escolhidos por Quirino (2001), retratam em pleno início do século XXI, um universo geográfico que ainda pode ser encontrado nos pequenos centros urbanos do interior da Paraíba, como se ainda estivéssemos em começos do século XX.

O capítulo 5 foi escrito com base em fragmentos da obra “Berro Novo” (QUIRINO, 2009), um livro com aspectos geográficos que se misturam com os sabores da culinária nordestina, das transformações espaciais observadas em temas ambientais, em questões políticas e em sentimentos de partidas migratórias. O autor tratou de temas como a previsão matuta do tempo, além de poemas ecologicamente corretos. Estes foram fundamentais em nossa análise geográfica.

O capítulo 6 completa nosso estudo com a obra “Papel de Bodega” (QUIRINO, 2013). Este livro nos permitiu trabalhar com experiências da geografia cultural na perspectiva de cidades pequenas e interioranas, dos modos de vida e dos espaços vividos, do povo simples, em exemplos de cidades como Ouro Velho no Cariri paraibano, de onde veio inspiração para muitas das poesias de Jessier Quirino, como a caderneta de fiados e a geografia da ternura, que vai tecendo conhecimentos que merecem destaque geográfico.

Em última etapa apresentamos as considerações finais, em que vemos que os estudos da geografia cultural nos permite enveredar pelos caminhos da poesia popular, quando esta ressalta elementos que em teoria encontram-se com as categorias de análise da geografia, respeitadas as diversas metodologias, pois “O hibridismo cultural se manifesta, dentre outras formas, na produção textual cada vez mais híbrida, a qual se constitui como o espaço adequado para a pluralidade de sentidos” (PAGANO; MAGALHÃES, 2005, p.3).

Os Estudos Culturais em Geografia, ao se envolver com a Literatura, especialmente a regionalista, se encontrou com um universo fantástico de pesquisas, e nos encontramos com a obra literária de Jessier Quirino, que nos permitiu diálogos ricos entre a Geografia Cultural, a Geografia Regional e a Poesia Popular. Temos consciência de que, não se trata de um trabalho de Geografia Cultural puro, pois elencamos autores de diferentes áreas e, realizamos diálogos quem até certo ponto nem eram pensados, pois a Geografia na prática, nos permite percorrermos por diferentes caminhos, vislumbrando paisagens e leituras poéticas que podem estar recheadas de geografia.

2 ANÁLISE DE CONTEÚDO E ANÁLISE DO DISCURSO NA PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA CULTURAL

Como a pesquisa é predominantemente de caráter teórico-metodológico, voltada para a análise geográfica de documentos literários regionalistas, nos sentimos na obrigação pedagógica de construir um capítulo para situar o estudo dentro da linha de pesquisa da Geografia Cultural e Percepção, que justifica a importância desse campo de investigação científica e a partir do qual, um crescente grupo de geógrafos estudam.

Nossa intenção, foi também oferecer ao trabalho, as diferentes possibilidades de análises teóricas que levaram os estudos geográficos a sustentação de algumas categorias de análise como: espaço, lugar, paisagem, região, território e cultura, dando sentido a organização, mudanças ou transformações do espaço geográfico, enquanto uma das categorias centrais dos estudos geográficos (SANTOS, 2001). Para a consolidação desta parte da pesquisa, utilizamos geógrafos que discutem a organização do espaço e se utilizam de algumas das categorias geográficas de análise.

Para melhor organização do capítulo 2, fizemos uma divisão do mesmo em quatro subcapítulos, quais sejam: 2.1) Escolha metodológica com ênfase para a pesquisa bibliográfica, análise de conteúdo e análise do discurso; 2.2) Encontros entre a Geografia Cultural e a Literatura; 2.3) Geografia Cultural e os estudos dos lugares e paisagens e; 2.4) Geografia Cultural na perspectiva regional e territorial.

2.1 CONHECENDO O POETA JESSIER QUIRININO: PESQUISA BIBLIOGRÁFICA, ANÁLISE DE CONTEÚDO E ANÁLISE DO DISCURSO

O poeta e contador de causos Jessier Quirino é natural de Campina Grande-PB, conhecida como a Rainha da Borborema, em função do Planalto serrano do mesmo nome. Profissionalmente é formado em Arquitetura e consegue conciliar sua arquitetura das obras concretas com a subjetividade de uma arquitetura de palavras que resgatam histórias e causos das vidas do povo simples do interior do Nordeste (QUIRINO, 1996).

O casamento com a Arquiteta Enedina Helena (Doró) o levou para a Cidade de Itabaiana no Agreste Meridional da Paraíba. O casal teve quatro filhos na terra do poeta Zé da Luz, e do multi-instrumentista, maestro, compositor e cantor Sivuca, além de vários ilustres que se transformaram em personagens de suas poesias (QUIRINO, 1996).

O próprio autor se identifica com conceitos geográficos e em suas diferentes obras destaca alguns termos, como território de bodegas, paisagem de interior, agruras da lata d'água, prosa morena, bandeira nordestina, política de pé de muro, entre tantos outros versos e prosas. Suas obras se apresentam como uma metanarrativa (CEIA, 2010), do que o autor chama de nossa nordestinidade patente. Entre os vários tipos de histórias contadas através da oralidade e das memórias vividas pelo povo nordestino, Jessier Quirino consegue fazer um resgate representacional da cultura local e regional.

Em sua metanarrativa, Quirino não se afasta do passado nem entra diretamente na pós-modernidade (CEIA, 2010). Na verdade, ele mergulha profundamente nos costumes e tradições do povo nordestino e se utiliza das suas linguagens, dos jeitos de falar e de dizer sobre o seu mundo e sua cultura, criando uma cosmovisão, marcada pelos diferentes lugares de fala e contextos territoriais de uma cultura típica, marcada por hibridismos culturalistas de povos indígenas, africanos e europeus que no Nordeste brasileiro se misturaram, em muitos casos, expostos a violência, escravismo e exploração sociocultural, econômica e política.

2.1.1 Um Pouco da Morada do Poeta Jessier Quirino

O crescente interesse pelo tema e pela abordagem, se deu a partir de 2014, em uma viagem de férias, juntamente com Belarmino Mariano, Brenda Mariano, Luísa Mariano, Vitor Mariano. Os professores Luciene Arruda, Amarildo de Lucena, João Maria de Andrade e Joana Andrade, além dos filhos Marco Antônio e na barriga da mãe João Miguel. Nesta viagem não estava previsto encontrar o poeta Jessier Quirino, mas aconteceu. Essa viagem se deu na direção do Vale do Médio rio Paraíba do Norte, em terras do Agreste Paraibano e pretendíamos chegar até a cidade de Natuba-PB, nos limites com o Estado da Pernambuco, objetivo que não foi alcançado.

Durante a viagem, fizemos um pernoite na cidade de Itabaiana-PB e usamos a manhã do dia seguinte para visitarmos a cidade. Nossa amiga e comadre Joana Andrade, formada em Letras pela UEPB, tinha muito desejo de encontrar Jessier Quirino. Descobrimos a sua residência através de informações dos moradores locais. Depois do passeio pela cidade, visita as praças, prédios históricos, feira livre e a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, além do histórico coreto estilo século XIX, inaugurado em 1914, seguimos pelas calçadas do centro histórico de Itabaiana/PB.

Próximo a Igreja Matriz fica a casa de Jessier Quirino, então resolvemos parar e chamar pelo proprietário. Para nossa surpresa, o próprio poeta veio nos atender e muito solícito, nos convidou para entrar. Demonstramos interesse em comprar algumas de suas obras e ele nos convidou até o seu ambiente de trabalho. A empatia foi imediata e a receptividade tipicamente nordestina, como se já nos conhecêssemos há anos.

O Poeta Jessier Quirino, muito simples e sem ardeio, foi nos mostrando sua casa, nos explicando que era ali naquela casa secular que ele produzia suas obras, em meio aos vários objetos domésticos que misturavam móveis antigos e bem conservados a aparelhos modernos de sala e cozinha, e obras de artes.

Tivemos a autorização para o registro de imagens com Jessier Quirino e do seu ambiente doméstico, com muitos quadros de artistas populares, esculturas e objetos artesanais compunham o cenário doméstico do autor e entre cristaleiras, mesas antigas, pilões, rádios antigos e até um moinho de pedras, e peças antigas de um engenho de cana-de-açúcar, que faziam parte da coleção particular do autor (Figuras 01, 02, 03 e 04):

Figura 01 – Jessier Quirino nos recebe em sua casa em Itabaiana-PB..



Fonte: Arquivo da Autora, Itabaiana-PB. Jan. 2014. Fotografia de João Andrade.

Figura 02 – Jessier Quirino autografando o livro Papel de Bodega em seu ambiente de trabalho.



Fonte: Arquivo da Autora, Itabaiana-PB. Jan. 2014. Fotografia de João Andrade.

Figura 03 – Balança de uma antiga bodega. Coleção de Jessier Quirino Itabaiana-PB.



Fonte: Arquivo da Autora, Itabaiana-PB. Jan. 2014

Figura 04 – Duas rodas de um antigo moinho de pedras. Coleção de Jessier em Itabaiana-PB.



Fonte: Arquivo da Autora, Itabaiana-PB. Jan. 2014

Estas quatro primeiras imagens representam o encontro com Jessier Quirino em janeiro de 2014 em sua residência, no centro de Itabaiana-PB. As duas primeiras foram de sua recepção e do autografo ao livro “Papel de Bodega”. As demais representam a balança de dois pratos, muito comum nas bodegas e feiras livres do interior nordestino e duas rodas de pedra que eram usadas como moinho de pedras.

No ambiente de trabalho de Jessier Quirino, ele foi nos mostrando mais ingredientes da cultura nordestina, com as quais ele foi construindo sua obra literária e os personagens de suas histórias, quase todos baseados em histórias reais de pessoas amigas com as quais foi cruzando em sua vida. Enquanto autografava nossos livros, foi nos contando um pouco de sua história, desde sua infância em Campina Grande até chegar em Itabaiana (Figuras 05, 06, 07 e 08):

Figura 05 – Aquário de piões e carro de madeira. Coleção de Jessier em Itabaiana-PB.



Fonte: Arquivo da Autora, Itabaiana-PB. Jan. 2014

Figura 06 – Cachorros vira-latas e outras esculturas em madeira. Coleção de Jessier em Itabaiana-PB



Fonte: Arquivo da Autora, Itabaiana-PB. Jan. 2014

Figura 07 – Rádio de pilha antigo. Coleção de Jessier em Itabaiana-PB.



Fonte: Arquivo da Autora, Itabaiana-PB. Jan. 2014

Figura 08 – Escultura de Patativa do Assaré. Coleção de Jessier em Itabaiana-PB.



Fonte: Arquivo da Autora, Itabaiana-PB. Jan. 2014

Como podemos observar, as imagens 05 e 06 representam brinquedos infantis como piões de madeira e cachorros vira-latas, muito comuns em suas histórias populares. As imagens 07 e 08 representam o rádio de pilhas e o poeta cearense Patativa do Assaré, sentado em um banco ouvindo seu radinho de pilha. O rádio já foi o mais importante meio de comunicação do interior nordestino.

Fizemos questão de trazer para essa pesquisa os elementos materiais que dão sentido ao espaço geográfico quando tratamos das culturas humanas produzidas pelos grupos sociais (CLAVAL, 2011). Os cenários de cidades pequenas, objetos da cultura rural, como: representações de burros de carga, pilões, colheres de pau, mesas rústicas, casarões de ricos e casebres de pobres, entre tantos outros elementos esculturais e imagéticos que estão nas poesias e textos de Jessier Quirino e aqui em sua coleção particular.

Segundo o autor, muitos destes objetos e esculturas foram presentes de amigos e amigas, e a partir dos quais sua arte foi surgindo. Lobo, vemos que o autor parte de uma realidade empírica, mas também representacional ou simbólica, nas quais encontramos material suficiente para a análise objetiva do que Jessier conseguiu produzir literalmente em suas obras. Como afirma Mariano Neto (2001), assim vamos observando territórios de lembranças e memórias que se misturam com paisagens reais e imaginárias, muito comuns em suas poesias, todas feitas com muita imaginação, mas sempre com um pé bem fincado na realidade dos lugares ou regiões por onde passou ou em que de fato viveu, pois a região e o regionalismo se encontram bem representados nas obras de Jessier Quirino (Figuras 09, 10, 11 e 12):

Figura 09 – Burro de carga em argila. Coleção de Jessier em Itabaiana-PB.



Fonte: Arquivo da Autora, Itabaiana-PB. Jan. 2014

Figura 10 – Escultura de Igreja, casarões e casebres. Coleção de Jessier em Itabaiana-PB



Fonte: Arquivo da Autora, Itabaiana-PB. Jan. 2014

Figura 11 – Pilões antigos. Coleção de Jessier em Itabaiana-PB.



Fonte: Arquivo da Autora, Itabaiana-PB. Jan. 2014

Figura 12 – Mesa rustica redonda e objetos de decoração. Coleção de Jessier em Itabaiana-PB.



Fonte: Arquivo da Autora, Itabaiana-PB. Jan. 2014

A fotografia 09 destaca o trabalho dos burros de carga, ou jumentos, muito utilizados como meios de transportes (tração animal), nos engenhos, no transporte de água, de cana-de-açúcar e outras mercadorias. Até meados dos anos de 1980, quando estes animais foram lentamente substituídos por motocicletas e outros automóveis.

A figura 10 mostra algumas esculturas de cenas urbanas, típicas das cidades pequenas do interior nordestino, onde se destaca a igreja matriz e os casarões da elite local, contrastando com os casebres da população mais pobre. Assim como as figuras 11 e 12 estão relacionadas com objetos rústicos e muito comuns na zona rural, ao exemplo do pilão, das mesas redondas, da lamparina e de uma mulher ralando o milho verde para fazer pamonha e canjica, comidas típicas dos meses de festejos juninos (junho e julho).

Algumas imagens do trabalho de campo, além da representação de objetos e personagens das obras do autor, fizeram parte do estudo, compondo em imagens, alguns cenários que estimularam o autor a compor suas obras literárias com uma forte tendência ao regionalismo e a cultura popular nordestina.

Como ele bem ressaltou enquanto nos apresentava a sua coleção, ao exemplo da forte influência em grandes nomes da poesia popular, como o poeta popular cearense Patativa do Assaré, que também foi parceiro do pernambucano, cantor e compositor Luiz Gonzaga, considerado o “Rei do Baião”, um ritmo da música popular brasileira.

Também consideramos na sua produção textual uma construção de imagens e memórias locais, representada pelos personagens, situações e casos que envolveram a sua criação poética, que serviram para as argumentações geográficas presentes neste estudo. As imagens ganham grande relevância na medida em que o autor consegue fazer uma representação textual da imagem.

Jessier Quirino tem a arquitetura como profissão e a poesia popular como linguagem literária, nos permitindo perceber o quanto ele guarda em sua casa, móveis e objetos de decoração que tanto servem de cenário arquitetônico, quanto de registro de suas obras de arte.

2.1.2 A Análise de Conteúdo e a Análise do Discurso

Além da visita ao poeta Jessier Quirino, que nos permitiu fazer um registro de imagens fotográficas que nos auxiliaram no desenvolvimento desta investigação, utilizamos enquanto caminho metodológico para o estudo, a pesquisa bibliográfica, “*Análise de Conteúdo e Análise do Discurso*” (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005, p.1), que é aplicado aos estudos das ciências sociais e humanas com bastante êxito. Os autores apontam duas questões para considerar na análise: “*A que insuficiências, uma perspectiva discursiva procurou responder?*”; e “*Em que sentido as práticas da Análise de Conteúdo contribuíram para as reflexões desenvolvidas por uma abordagem discursiva?*”.

Para Rocha; Deusdará (2005), os métodos de análise de conteúdo e a análise do discurso são complementares e coexistentes, considerados o texto e o contexto da problemática levantada na pesquisa. Essa experiência metodológica remonta aos

meados do século XX, entre as décadas de 1960 e 1970. Inicialmente estavam voltadas para análises de conteúdos produzidos pelos meios de comunicação de massa, mas ganharam espaço nos campos da Psicologia e demais ciências sociais. Sobre os objetivos do método de análise de conteúdo:

Procurar compreender os objetivos dos estudos desenvolvidos à luz do que se convencionou chamar Análise de Conteúdo, quer dizer, acima de tudo, explicitar os rumos assumidos pelas práticas linguageiras de leitura de textos no "campo das ciências". Optar por caminhos que garantam sua legitimação nos conduz à reflexão sobre um pressuposto: uma dada concepção de ciência, herdeira da tradição iluminista, dá sustentação às opções feitas pela Análise de Conteúdo (ROCHA, DEUSDARÁ, 2005, p. 3).

O método de análise de conteúdo contribui para que o pesquisador possa aprofundar os conhecimentos expostos do texto analisado de maneira que nem todos tenham percebido os reais interesses e intenções do autor. Ou para jogar luz sobre alguns aspectos do conhecimento que possam estar escondidos por trás do texto, em função do tipo de linguagem e de como foi construído pelo autor.

Quanto a Análise do Discurso, Rocha; Deusdará (2005) argumentam que ao analisar o texto, pode-se descobrir que existe a defesa de um discurso, ideologicamente comprometido com o resgate e a valorização da linguagem, denotador de um determinado poder e que se compromete com uma tomada de posição social, que no estudo em tela, ressalta a cultura popular local e regional, nas obras escolhidas para a análise.

Ao escolher quatro obras do poeta paraibano Jessier Quirino, ancoradas no campo da Literatura Popular, notamos a necessidade de um método de análise que nos permitisse transpor ou intercambiar a Geografia e a Literatura, pois a nossa intenção foi perceber no aprofundamento do estudo, que a Geografia Cultural pode ser fortemente expressa nos escritos de Jessier Quirino.

Rocha; Deusdará (2005) apresentam um quadro síntese sobre as aproximações e afastamentos entre a análise de conteúdo e a análise do discurso que nos interessa expor, pois nos serve de base, tanto dos afastamentos, quanto das aproximações em relação aos textos ou obras escolhidas para a análise, considerando-se que o autor escreveu na perspectiva da literatura regionalista e nossa intenção foi aproximar estes dois campos de investigação, com propósitos geográficos, pois a literatura e a geografia dão importantes sinais de que os autores estão comprometidos com um discurso marcados por valores regionais (Quadro 01):

Quadro 01 – SÍNTESE DAS APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS ENTRE A ANÁLISE DE CONTEÚDO E ANÁLISE DO DISCURSO		
	ANÁLISE DE CONTEÚDO	ANÁLISE DO DISCURSO
Objetivos de pesquisa	Captar um saber que está por trás da superfície textual	Analisar em que perspectivas a relação social de poder no plano discursivo se constrói
Eu pesquisador	Espião da ordem que se propõe a desvendar a subversão escondida; leitor privilegiado por dispor de “técnicas” seguras de trabalho	Agente participante de uma determinada ordem, contribuindo para a construção de uma articulação entre linguagem e sociedade
Concepção de texto	Véu que esconde o significado, a intenção do autor	Materialidade do discurso
Concepção de linguagem	Reprodução e disseminação de uma realidade <i>a priori</i>	Ação no mundo
Concepção de ciência	Instrumento neutro de verificação de uma determinada realidade	Espaço de construção de olhares diversos sobre o real
Fonte: ROCHA; DEUSDARÁ, 2005, p.5). Adaptado pela autora, 2020.		

Esta síntese das duas teorias é fundamental para determinar os aspectos das obras escolhidas, na perspectiva do ir mais além, considerando os objetivos em encontrar uma Geografia Cultural em meio a Literatura Popular regionalista, expressa por Jessier Quirino, entre os anos de 1996 a 2013.

O autor, mesmo não afirmando, demonstra textualmente uma consciência de que também “fez geografia”, na medida em que situa geograficamente os seus personagens, suas histórias, memórias e padrões simbólicos que estão nos textos escritos ou declamados pelo próprio, em diferentes apresentações, na forma de shows ou através da plataforma informacional, em seu canal do Youtube.

Nossa intenção foi o aprofundamento da leitura e a reflexão do conteúdo exposto nos textos da literatura popular, para perceber sua ligação aos temas e categorias de análise propostos pela Geografia Cultural, e mesmo que a análise de conteúdo aponte para uma certa neutralidade em relação as descobertas, na análise do discurso foi possível perceber a direta relação entre o que foi produzido textualmente com a realidade e materialidade social do discurso, considerando que os autores destacam a importância da realidade apriorística, diante da ação no mundo.

2.2 ENCONTROS ENTRE A GEOGRAFIA CULTURAL E A LITERATURA

Entre as diferentes categorias de análise, a Geografia Cultural Regional facilmente se encontra com a literatura, pois temos diversos exemplos de obras literárias de cunho regionalista e que, em diferentes momentos já despertaram geógrafos a se dedicarem ao tema, com destaque para Silva; Almeida (2013) que comandam importante grupo de pesquisa na UFG e que, até certo ponto nos influenciaram nesta escolha.

Antes de adentrarmos para os encontros da geografia cultural com a literatura, queremos considerar que o espaço geográfico enquanto uma totalidade, se pensado por Milton Santos, nos leva a compreensão do espaço enquanto instancia social que possibilita o entendimento das transformações espaciais, sendo necessária a valorização de algumas categorias de análise do espaço geográfico, tais como: estrutura, processo, função e forma (SANTOS, 1985).

Esta primeira abordagem filosófica proposta por Santos não exclui as demais categorias, como lugar, território, paisagem e região. Para Santos, estas estão dentro dessa totalidade espacial e refletem uma certa materialidade, que pode ser percebida tanto na forma, quanto na estrutura dos arranjos espaciais. Conforme Santos (1985) a forma é o elemento visível, podendo ser capturada em um dado momento e capaz de sofrer alterações, de acordo com os processos e ações. “O processo pode ser definido como uma ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudanças” (SANTOS, 1985, p.48).

Estamos elegendo estudos culturais da geografia enquanto elementos de pesquisa, mas não podemos perder de vista esse arranjo teórico proposto por Santos (1985), pois ele responde por compreensões acerca da função sociocultural, geradora de espaços geográficos que se materializam através das relações e interrelações entre as pessoas ou humanidades.

Vale ressaltar os avanços teóricos em que Santos (2009), nos alerta sobre “a natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção”, em que a sua pesquisa avança para além da materialidade propriamente dita, abrindo brechas para refletirmos sobre os elementos imateriais ou simbólicos como a emoção.

O espaço é formado de objetos técnicos. O espaço do trabalho contém técnicas que nele permanecem como autorizações para fazer isto ou aquilo, desta ou daquela forma, neste ou naquele ritmo, segundo esta ou outra sucessão. Tudo isso é tempo. O espaço distância é também modulado pelas técnicas que comandam a tipologia e a funcionalidade dos deslocamentos (...). A materialidade artificial pode ser datada, exatamente, por intermédio das técnicas: técnicas da produção, do transporte, da comunicação, do dinheiro, do controle, da política e, também, técnicas da sociabilidade e da subjetividade. As técnicas são um fenómeno histórico. Por isso, é possível identificar o momento de sua origem. Essa datação é tanto possível à escala de um lugar, quanto a escala do mundo (SANTOS, 2009, p.34-35).

Notamos que existe um processo histórico e cultural permeando as argumentações teóricas e inquietações reflexivas do professor Milton Santos. Em nosso estudo, nos interessa em pensar o trabalho, técnica, enquanto atributos humanos, que dá sentido aos lugares e estes imersos na totalidade do mundo. Essa é a razão humana, que se expressa em diferentes formas de objetos técnicos e todas elas formam a cultura humana, que é em si, o próprio espaço geográfico.

Para Santos (2009, p.63) “O espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes”. O autor percebe ou interpreta que a totalidade espacial de alguma maneira, interfere nos lugares e nas pessoas, esse sistema de objetos estranhos, alteram as relações socioculturais locais. Culturas diferentes adentram o espaço, transformando-o e se transformando também, mexendo com hábitos e costumes locais.

De maneira bem objetiva apresentaremos alguns argumentos teóricos, dando conta que a Geografia Cultural nasceu ao mesmo tempo em que a Geografia Humana. Para Claval (2011), a geografia cultural nasceu ao final do século XIX e seguiu as mesmas características de estudos sobre o modo de vida e de trabalho dos grupos humanos, assim os estudos foram se desenvolvendo durante quase todo o século XX, até que, por volta da década de 1990, se percebeu uma virada teórica e temática dentro da Geografia Cultural, agora “o interesse é pelas imagens mentais, as representações, o simbolismo, as identidades” (CLAVAL, 2011, p.5).

Significa dizer que a Geografia Cultural se renovou teoricamente e novas abordagens, permitiram contribuir com este campo de investigação, em especial, ao analisarmos escritos poéticos e literários de um autor que, pelas escolhas temáticas, também está fazendo um pouco de geografia em suas obras, quando vemos os elementos das imagens mentais, das representações sociais, do simbolismo e das

identidades culturais de lugar, paisagem, região e até dos territórios das afetividades, emoções e pertencimentos humanos.

Suzuki (2018) considera que, desde o século XIX, geógrafos franceses, americanos e britânicos utilizaram obras literárias em seus estudos, em especial, pela capacidade em descrever fenômenos humanos e naturais como: paisagens, lugares, regiões, povos e modos de vidas diferenciados. Para Suzuki (2017, p.2), geógrafos como: “Paul Vital de La Blache (s/d), Pierre Monbeig (1940), Fernando Segismundo (1949) e Mauro Mota (1961), usaram a literatura enquanto fonte de reflexão geográfica”, mas também, enquanto um manancial para as análises geográficas.

Para Suzuki (2018) da Geografia das décadas de 1990, para a primeira década do século XXI, ampliou-se em muito a relação entre geografia e literatura, incluindo-se temas como pintura, música e outras manifestações artísticas e culturais. Em especial com “a dissertação de mestrado de Solange Terezinha de Lima Ferreira, em 1999, cujos marcos teóricos e metodológicos dialogavam com a geografia humanista (SUZUKI, 2018, p.3-4).

Claval (1999) faz uma significativa distinção entre a Geografia Cultural do final do século XIX e início do século XX, pois para o autor os primeiros trabalhos foram muito influenciados pela epistemologia positivista, dando foco para estudos baseados em experiências materiais da cultura humana, nos detalhamentos das construções, nas formas de produção agrícola e criação de animais e também sobre o modo de vida e organização social dos grupos humanos, sem considerar a subjetividade destas relações.

A ênfase concentrava-se geralmente nas interpretações funcionais, mas certos autores, como Eduard Hahn (1996a; 1996b) na Alemanha, Pierre Deffontaines (1932) na França, Carl Sauer (1963) nos Estados Unidos, tinha uma visão mais abrangente, com um interesse nos elementos simbólicos da paisagem, mas mesmo eles não ousaram analisar as representações e o trabalho mental dos homens (CLAVAL, 2011, p. 6).

Podemos dizer que estes são os pressupostos fundamentais que embasam teoricamente nosso estudo. Como afirmam Silva e Almeida (2013), Paul Claval é de fato o primeiro geógrafo a se debruçar sobre os temas da geografia Cultural, contribuindo diretamente com a evolução do pensamento geográfico propriamente dito. Ele percebeu o momento em que os geógrafos se interessaram pela subjetividade e intersubjetividade humana, não apenas em relação ao gênero ou

modo de vida, mas a partir de como os grupos humanos se percebem no meio em que vivem, trabalham e estabelecem suas práticas rituais, muitos ainda presos as suas tradições orais, aí percebemos a Geografia Cultural se renovando teoricamente.

A Geografia Cultural, em especial a Nova Geografia Cultural (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003), nos coloca diante de temas como espaço e cultura, religião, literatura e geografia, paisagens culturais urbanas e rurais, temas a partir dos quais, surgem muitos estudos hibridizados entre Geografia Cultural e Literatura ou de análises antropogeográficas. Nessa mesma linha, autores como Brosseau (2007), destaca a possibilidade de uso do romance na relação geografia e literatura.

Para Claval (2011), nas décadas de 1950 e 1960, as ciências sociais e humanas já haviam feito uma crítica profunda ao positivismo e ao neopositivismo, tendo surgido alguns grupos estruturalistas, mas estes não encontravam base em suas teorias para o papel e experiências dos indivíduos.

O estruturalismo propunha associar as lições do estruturalismo e o papel da iniciativa individual. Esse movimento tomou formas diferentes na França com Pierre Bourdieu (1980), e no Reino Unido, com Anthony Giddens (1984). O estruturalismo do último tinha uma dimensão geográfica importante, ele sublinhava o papel do local e, do palco local, onde a iniciativa humana tinha um papel importante na construção das realidades sociais. A influência do estruturalismo, Giddens foi importante na geografia dos anos oitenta (CLAVAL, 2011, p.8).

Para Claval (2011), houve uma crítica ao estruturalismo, pois em suas bases teóricas não havia espaço para a história. A partir daí houve também uma dimensão antropológica do conceito de cultura, em que as bases materiais perderam espaço para as dimensões simbólicas.

Claval (2011) também percebeu que os argumentos teóricos pautados pelo marxismo ganharam força no Reino Unido, com uma análises em que, autores como Raymond Willams (1956 e 1981), insistiam nas relações entre modos de comunicação e os modos de produção, também citando “o italiano Gramsci em que as classes dominantes conseguiram difundir melhor as suas representações sociais. Assim como Stuart Hall, que também argumentava sobre a representação e a imagem do outro em relações de exclusão e segregação sociocultural” (CLAVAL, 2011, p.8).

Essa Geografia de abordagens mais marxistas ganhou muito espaço durante o período da Guerra Fria e os mesmos viam os estudos culturais na geografia como se fossem abordagens menores, diante das estruturas e superestruturas de poder

político e econômico, debates teóricos que também eram feitos na França, Inglaterra e Estados Unidos, além países da América Latina, como Brasil, México e Argentina, entre outros (CLAVAL, 2011).

Para Corrêa; Rosendhal (2003), apesar de a Geografia Cultural ter uma forte tradição em países europeus e nos estados Unidos, ainda não conseguiu se fortalecer em território brasileiro. Mas por aqui, alguns temas que dão identidade a Geografia Cultural focam o espaço geográfico, paisagens culturais, história da cultura no espaço e temas ambientais, na atualidade, esse quadro já mudou significativamente.

A Geografia Cultural no Brasil, sofreu uma forte influência da antropogeografia britânica e da geografia de Paul Claval, além da Escola de Berkeley, com Carl O. Sauer (1931) e posteriormente dos seus críticos, entre as décadas de 1970, como: Denis E. Cosgrove e James S. Duncan, que representaram a renovação da Geografia Cultural Norte-Americana (CORRÊA; ROSENDHAL, 2003, p. 23).

Como podemos ler, quase duas décadas depois desses escritos, a Geografia Cultural já foi ampliada, inclusive nos seus campos de análise, com diferentes abordagens e aprofundamentos, inclusive as discussões literárias fazem parte dessa nova leva de análises. Entre os escritos renovados se destacam Claval (2011), Caetano; Bezzi (2011), Oliveira (2017), entre outros.

Para Belizário; Oliveira; Vilar (2019), existem diferentes possibilidades de se trabalhar com textos literários, inclusive romances, na perspectiva da Geografia Cultural. As autoras realizam um importante levantamento teórico e bibliográfico em que a Geografia e a Literatura se encontram e se comunicam, inclusive com experiências nas áreas do romance e do regionalismo.

Claval (2011) afirma que, entre as décadas de 1970 e 1980, passou a perceber que algumas abordagens econômicas e urbanas, em relação a percepção das pessoas que viviam nestes espaços, passaram a ser de interesse dele (CLAVAL, 1999), bem como, as relações políticas que se davam em meio a este mundo industrializado e urbanizado, em relação a distância entre a vida social e econômica, e os interesses dos grupos governantes.

Caetano e Bezzi (2011), concordam com a ideia de que a Geografia Cultural permite-nos refletir sobre a materialidade e a imaterialidade da cultura, através de códigos culturais que geram um sistema de símbolos, e que estes podem ser transmitidos através de gerações, gerando características culturais dos grupos humanos que ficam registrados nas paisagens.

Com base nessa nova Geografia Cultural (CORRÊA, 2005), nasceu nosso interesse pela área e pela abordagem culturalista, pautadas por textos literários que simbolizam uma cultura regional, com ênfase para identidades territoriais subjetivas e intersubjetivas, em que as personagens que aparecem nos escritos, nos remetem para a própria realidade local, destacando-se as formas de falar, as representações sociais dos mais desfavorecidos socialmente, bem como as percepções de lugares e de sentidos imateriais, expressos em um discurso cultural daqueles que se sentem representados na construção textual das obras de Jessier Quirino, produzidas entre os anos de 1996 a 2013, período em que a Geografia Cultural também estava se renovando teoricamente.

Amparados por Santos (2001) é importante destacarmos o período histórico em que o autor conseguiu lançar os trabalhos literários por ele construídos, pois nesse período foi possível sentir as grandes transformações socioculturais decorrentes do processo de globalização, pois o ‘global’ passou a massificar um padrão em que as culturas locais iam perdendo a sua importância e sendo engolidas ou transformadas em mercadorias para o consumismo internacional.

Esse conflito entre o trabalho particular e local, e entre o trabalho geral e global, é a base de um choque entre a cultura objetiva, imposta de fora e obediente aos constrangimentos da produção direta, suas técnicas e normas, e a cultura subjetiva, inspirada de dentro de cada um por considerações mais amplas, cultura que tanto maior e mais intensa, quanto maiores sejam as possibilidades de ação comunicativa (SANTOS, 2008, p. 162).

Nesse sentido, Santos (2008, p.148 e 165), reflete muito bem, quando nos fala “Da Totalidade ao Lugar”, em especial na terceira parte do livro, com ênfase para “o meio técnico-científico-informacional” e destaca a “razão global e a razão local”. Jessier Quirino, em suas obras, resgata esse passado da cultura nordestina e o projeta para o presente e o futuro, em que as culturas locais lutam para resistir ao “fabuloso mundo globalizado”, como bem destaca Santos (2001).

É importante ressaltar que o próprio Santos (2001), acompanha as relativas mudanças teóricas da geografia e, mesmo não tendo se aproximado mais fortemente da Geografia Cultural, sua geografia do final dos anos de 1990 e início do século XX já apresenta preocupações com os sentidos simbólicos de apropriação e empoderamento do espaço pela lógica capitalista.

2.3 A GEOGRAFIA CULTURAL E OS ESTUDOS DOS LUGARES E PAISAGENS

A partir da disciplina Geografia Território e Planejamento, ministradas pelos professores Belarmino Mariano e Leandro Paiva, nos interessamos por estas categorias de análise. A categoria lugar é a mais identitária das categorias geográficas, pois em se tratando de espaço geográfico e com a Geografia Cultural o lugar foi completamente redimensionado.

Para começarmos a abordar esse tema escolhemos Livia de Oliveira, pois essa autora é uma importante referência em se tratando da Geografia Cultural de perfil humanista, a partir de abordagens fenomenológicas e da percepção (OLIVEIRA, 2017). De acordo com a autora, a Geografia faz parte de nossa existência desde os primórdios da humanidade, e através da nossa existência e do nosso cotidiano, imprimimos no mundo à nossa volta, nossas experiências, impressões e percepções dos espaços, paisagens e lugares.

A dimensão territorial ganha concretude justamente pelo seu aspecto intrinsecamente relacional, em decorrência não somente das relações sociais estabelecidas no lugar cotidiano, como também pela possibilidade de seu alcance com outras dimensões (...). Pois a partir do território vai-se além da visão micro ou do localismo reducionista, tendo em vista que as próprias condições de vida do lugar remetem diretamente a relação entre populações e lugares, entre um pedaço e outro da cidade, entre o lugar e a totalidade da cidade, entre a situação do lugar e as políticas que se direcionam à manutenção ou à transformação das condições de vida (KOGA, 2003, p.55).

Koga (2003) nos situa bem sobre a percepção do lugar para além das medidas, pois todo lugar, local só o é, na medida em que existam relações humanas ou da população com os lugares ou locais. Quirino (2013) explora muito bem essa dimensão do lugar ou do local, ao exemplo da relação das pessoas com a bodega e a compra das necessidades básicas, ou local da feira livre, como um espaço de convivências e relações sociais entre os vendedores e os clientes ou fregueses.

Tuan (2013), considera que tanto o espaço, quanto o lugar, são representações e imagens percebidas e absorvidas ao longo da nossa existência, pois vivenciamos e registramos em memória e em termos linguísticos, o sentido de localizar as coisas, os objetos materiais e até mesmo os nossos sentimentos ou emoções de onde estamos, de onde vivemos, com quem compartilhamos os espaços da nossa existência.

A língua falada ou escrita, vai nos situando espacialmente, e os lugares também são construídos por palavras. Assim registramos a intimidade do lugar, do habitat humano e de outras espécies. A casa, a rua, a praça, a mercearia, a igreja, o clube social, a estrada, o rio, o roçado, a festa, o velório, o cemitério. Por incrível que pareça, quase tudo em nossas vidas, está associada a ideia de espaço e de lugar. Dentro da casa, desde a sala, aos quartos, banheiros, cozinha até o quintal e seus arredores (MARIANO NETO, 2001).

Quando Quirino (2001), usa a expressão “um matuto vindo de longe”, identificamos que alguém está vindo de algum lugar distante, logo, existe uma ideia de um espaço vivido por aquele que chega em um outro lugar. Nesse caso existe uma simbologia do pertencimento, e do não pertencimento, enquanto um sujeito que vive o seu canto. Seja em um pé de serra ou uma terra distante, mesmo que esse distante e que em algum momento, o sujeito precise sair, para outro lugar, mesmo assim, ele leva na memória os lugares, pois são registros espaciais da sua existência na Terra.

Para Carlos (1996) os lugares estão associados à nossa existência e ao sentido de ocupação ou habitação do lugar. A autora se refere aos lugares da cidade, assim ressalta o bairro, a rua, a praça, enquanto tipos de organizações espaciais produzidos materialmente pela cultura humana e que possuem simbolismo identitário para os indivíduos envolvidos com aqueles lugares.

Os lugares são aqueles que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito ao seu cotidiano e ao seu modo de vida, onde se locomove, trabalha, passeia, flana, isto é, pelas formas através das quais o homem se apropria e vão ganhando o significado dado pelo uso. Trata-se de um espaço palpável – extensão exterior, o que é exterior a nós, no meio do qual nos deslocamos. Nada também de espaços infinitos. [...] São as relações que criam o sentido dos lugares... Isto porque o lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas produzidas por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso (CARLOS, 1996, p. 22).

A autora se refere aos lugares concretos ou a materialidade do espaço da cidade, o lugar como a principal referência espacial na vida das pessoas. Goste ou não da sua experiência com o lugar, ele faz parte de sua existência. Na perspectiva culturalista, ao observar Tuan (2012), se referindo a *topofilia* como o amor pelo lugar, ou se referindo aos traumas e medos (TUAN, 2005) em relação a determinados lugares, mesmo que estes sentimentos pareçam interpessoais, toda a nossa existência estará marcada a um determinado lugar ou local. No caso das obras de

Quirino (1999-2013), em diferentes momentos percebemos essa espécie de *topofilia* ou amor pelo lugar, ao qual estão intimamente envolvidos.

Dentro da dureza humana e da realidade social do século XX, Albuquerque Júnior (2007), explora a ideia de “preconceito contra a origem geográfica de lugar – as fronteiras da discórdia”, considerando os processos migratórios brasileiros, em especial dos nordestinos que migraram para a Região Sudeste do Brasil e, passam a sofrer o preconceito e a segregação em relação ao esse novo lugar de vida e trabalho.

A outra categoria de análise que se encontra nas temáticas da Geografia Cultural é a paisagem, diretamente relacionada com as experiências dos sentidos e dos sentimentos humanos, considerados os seus espaços vividos, pois para além do plano estético e material dos objetos no espaço, a paisagem é algo introjetado em nossa mente, considerando-se tanto os fixos, quanto os fluxos ou dinâmicas espaciais (BESSE, 2006).

Para Besse (2006), compreender a paisagem geográfica nos leva a reflexão multidimensional, em que podemos perceber ou conceber os elementos paisagísticos a partir de elementos materiais ou físicos; os elementos humanos, tanto materiais quanto imateriais, refletidos na subjetividade de cada observador da paisagem em momentos de contemplação; os elementos relacionados com a cultura humana das imagens, das representações, que nos levam para uma dimensão estética, em que, nos cercamos de elementos artificiais e produzimos paisagens culturais, em meio aos elementos físicos das paisagens produzidas pela natureza.

Para Claval (1999), tanto o lugar quanto a paisagem nos servem enquanto delimitadores espaciais e demarcadores para nos reconhecermos enquanto partícipes de um determinado local, profundamente marcado por paisagens que são elementos identificadores e diferenciadores dos lugares, marcados por simbolismos e imaterialidades.

Todos os lugares habitados e em grande número de sítios característicos na superfície da Terra – frequentemente há muito tempo. A toponímia é uma herança preciosa das culturas passadas. Batizar as costas e as baías das regiões litorâneas dos descobridores. Um verdadeiro tapete de nomes recobre a terra que se torna assim objeto de discurso. O batismo do espaço e de todos os pontos importantes não são feitos somente para ajudar uns e outros a se referenciar. Trata-se de uma verdadeira tomada de posse (simbólica ou real) do espaço (CLAVAL, 1999, p. 189).

Claval (1999) salienta que, independente da cidade, do campo, da floresta ou das montanhas, identificar as paisagens implica, os circuitos das práticas cotidianas percorridas desde a infância, se tornando algo familiar em todos os seus aspectos e se diferenciando, a depender da cultura dos grupos humanos. “Paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e natureza” (SANTOS, 2004, p. 103).

Nesse aspecto, a percepção ou sentir sensorial e emocional, permitem uma comunhão entre a natureza e o sujeito, na qual, a afetividade possibilita um reagir aos acontecimentos, suas formas, estruturas, cores, ruídos, sons, odores, sabores etc. Uma paisagem pode expor ou esconder significados políticos, culturais, econômicos, sociais, artísticos, arquitetônicos e religiosos. Cabe ao olhar geográfico e aos geógrafos, o desvendar destes significados e a revelação analítica dos sentidos e significados da paisagem (MARIANO NETO; SALES; SALES, 2006, p.13).

Nesse sentido, a paisagem tanto é material, quanto imaterial, objetiva e subjetiva, natural ou artificial, se consideradas as dimensões físicas, humanas, estéticas e expressa em valores da cultura humana. Santos (2004) destaca as rugosidades ou elementos humanos que, mesmo perdendo a função, continua enquanto um testemunho de tempos passados.

A paisagem é uma visão do indivíduo e depende da sua compreensão cultural sobre as dimensões do que ele observa. Mas quando o conjunto ou grupo social, observa um determinado fenômeno e a ele atribui valores semelhantes aos demais, há uma identidade paisagística sendo construída, em especial quando existe um simbolismo que é identificado pelos grupos sociais expostos ao fenômeno paisagístico.

A paisagem é denotada pela morfologia e conotada pelo conteúdo e processo de captura e representação. A paisagem como representação resulta da apreensão do olhar do indivíduo, que, por sua vez, é condicionada por filtros fisiológicos, psicológicos socioculturais e econômicos, e da esfera da rememoração e da lembrança recorrente. A paisagem só existe a partir do indivíduo que organiza, combina e promove arranjos do conteúdo e forma dos elementos e processo, num jogo de mosaicos [...] Assim a paisagem tem sua existência condicionada pela capacidade do indivíduo reter, reproduzir e distinguir elementos significativos (culturais ou naturais, circunstanciais ou processuais, adventícios ou genuínos, entre outros aspectos) desse mosaico construído. A paisagem evoca significados a partir dos signos e valores atribuídos. Esses signos assumem amplo espectro de propriedades e escalas numa grade semântica própria. (GOMES, 2001, p. 56/57).

A paisagem que passa inicialmente pelo sentido da visão, também pode ser sentida, através das sensações e percepções éticas e estéticas, bem como, sentidos de ideia, sentimento ou emoção do vivido, chegando aos aspectos da mente humana enquanto valores psicológicos e até espirituais ou religiosos, quando na paisagem estão inseridos objetos, símbolos ou imagens que retratam a cultura religiosa de algum grupo social (MARIANO NETO; SALES; SALES, 2006). Sem perdermos de vista a opinião de um dos clássicos da geografia Cultural, temos que:

Além dos primeiros ciclos das práticas cotidianas, o espaço torna-se mais fluido. Mas pode ser suficientemente memorizado e reconhecido ao alcance da vista ou dos deslocamentos ocasionais, relativamente frequentes. As referências visuais, identificáveis até o horizonte, tornam-se essenciais e ganham um valor simbólico (CLAVAL, 1999, p.190).

Claval (1999) cita diferentes exemplos entre paisagens de campo aberto de cidades, bairros, floresta, zonas litorâneas ou montanhas etc. Considera também a subjetividade dos meios de transporte enquanto fluxos, que interferem diretamente na interpretação da paisagem. Nesse sentido, podemos imaginar um andarilho, um cavaleiro, as pessoas em uma carruagem, ou no vagão de um trem, um ciclista, um motociclista etc. Bem como a dimensão espaço temporal da pessoa exposta a paisagem, irão interferir na sua compreensão sobre o lugar e a paisagem (CLAVAL, 1999).

Dardel (2011) em sua obra o Homem e a Terra – natureza da realidade geográfica, relaciona a paisagem a fenomenologia, considerando que os sujeitos experimentam o mundo, não apenas com a mente, mais com seus sentidos. O ser humano está no mundo e isso é o que interessa, enquanto um fenômeno de interpretação da realidade a partir dos indivíduos. As ideias ou criações paisagísticas, a linguagem de identificação e os códigos simbólicos e representacionais estão na direta relação entre o homem e o seu meio.

A paisagem se unifica em torno de uma totalidade, afetiva dominante, perfeitamente válida ainda que refratária a toda redução puramente científica. Ele coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existências com a Terra, ou, se preferirmos, sua geograficidade original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização (DARDEL, 2011, p. 31).

Dardel (2011), afirma que a paisagem não é um ciclo fechado, e na realidade geográfica do homem, este percebe muito mais a natureza em si e seus obstáculos

para serem transpostos, do que a ideia de paisagem em si. A verdade é que a paisagem faz parte da vida ou da realidade humana, independente de teoria geográfica. Sobre a realidade geográfica em relação as ideias de paisagem e lugar, Dardel (2011) acredita que,

A realidade geográfica, é para o homem então, o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atraí sua presença. Terras que ele pisa, ou onde ele trabalha, o horizonte do seu vale, ou a sua rua, o seu bairro, seus desdobramentos cotidianos através da cidade. A realidade geográfica exige, às vezes duramente, o trabalho e o sofrimento dos homens (DARDEL, 2011, p.34)

Dardel (2011) escreveu sobre o homem e a Terra na perspectiva fenomenológica em 1899, obra que, até certo ponto, se afasta da geografia cultural clássica e se aproxima do chamado pensamento humanista cultural. Apesar de ter sido ignorado ou esquecido pelos seus compatriotas e pelos grupos geográficos da época, Dardel se tornou um dos precursores da geografia fenomenológica e da percepção, em que o homem e a terra participam da realidade geográfica existencial.

As categorias de análise as quais a Geografia Cultural melhor dialoga, epistemologicamente, na medida em que a geografia escolheu dialogar com outros ramos científicos, antropogeografia ou literogeografia, só foram possíveis na medida em que ultrapassamos o positivismo e até mesmo o estruturalismo, aportando na fenomenologia e na percepção geográfica, cultural ou humanista, investigados em suas subjetivadas ou intersubjetividades (Claval, 2011).

2.4 GEOGRAFIA CULTURAL NA PERSPECTIVA REGIONAL E TERRITORIAL.

Para a Geografia Cultural, as categorias região e território estão no centro da atenção dos pesquisadores, em especial, a partir do processo de renovação epistemológica dos conhecimentos geográficos com enfoques culturalistas e humanistas, principalmente entre as décadas de 1970 e 1990 (CORRÊA, 1990).

Nos movimentos de renovação da geografia, a região não desapareceu totalmente, mas se matematizou, se transformando em parcela espacial analisada enquanto capacidade econômica de produção estatisticamente mensurada. Para

Corrêa (1990), a região era vista apenas enquanto uma espécie de conjunto de lugares, guardadas as devidas diferenças.

Para Gomes (1995), na segunda metade do século XX, havia uma certa dificuldade em enxergar os elementos culturais em escala regional, pois a Geografia Teorética dominava a cena, especialmente nos Estados Unidos e na Europa e, mesmo o mundo vivendo as grandes disputas ideológicas fruto da guerra fria e da polarização entre Capitalismo e Socialismo Real, estabeleciam uma análise das diferentes áreas ou zonas geográficas na perspectiva de mensuração estatística como base metodológica predominante. Nestes termos se identificavam as chamadas regiões geoeconômicas como base do discurso geográfico (GOMES, 1995).

Para Caetano; Bezzi (2004, p.136) os elementos culturais entram apenas enquanto um aspecto menor no processo de compreensão das chamadas regiões homogêneas, em que são levados em consideração as “características físicas, econômicas, sociais, políticas e culturais” em relação as diferenciações das áreas.

Só depois da década de 1970, alguns geógrafos passaram a considerar uma nova abordagem, que deu base para estudos considerando-se a ideia de regiões funcionais, levando-se em consideração algum elemento polarizador do processo regional (CORRÊA, 1990), e os espaços urbanos em suas hierarquias espaciais deram uma sobrevida ao conceito de regiões funcionais, bem como, as áreas controladas pelo processo expansão do capital, como os distritos industriais ou as áreas com grande dinâmica rural monocultoras e polarizadoras de alguma atividade agrícola e ou agrária.

As atividades econômicas, até certo ponto lideravam as definições de polarização da organização de uma região, e mesmo existindo situações culturais polarizadoras de algumas áreas, estas eram vistas apenas enquanto uma parcela pequena das abordagens regionais (CORRÊA, 1990).

Outra atividade que ganhou destaque nos argumentos, foram as áreas relacionadas aos circuitos turísticos e o elemento cultural ressignificado, enquanto elemento atrativo de olhares geográficos (CORRÊA, 1990). Os estudos geográficos sobre o turismo conseguiram alinhar três categorias geográficas de análise, como uma espécie de linha invisível ou rede: região, paisagem e lugar, em que a cultura se encontrava em todas, independente dos aspectos e estruturas de análise.

A década de 1970 foi marcada por uma forte disputa interna, que os geógrafos não estavam satisfeitos com os caminhos da Geografia enquanto uma espécie de

apêndice da matemática e da estatística (Geografia Teorética), em que, alguns geógrafos se voltaram para novos métodos de análise, trazendo para o debate da Geografia, abordagens em que a realidade e relações sociais deveriam estar no centro dos debates. Nesta perspectiva a Geografia se aproximou do materialismo histórico e dialético, fazendo uma dura crítica aos modelos teóricos (SANTOS, 2008).

Para Santos (2008) a Geografia Crítica se tornou o novo paradigma e as relações sociais e os modos de produção, bem como o processo histórico e as contradições sociais e econômicas, devem estar diretamente atreladas as análises geográficas. Em meio a este debate, também se renovou a Geografia Cultural e Humanística, pautadas na fenomenologia e na percepção (CORRÊA, 1990).

Nesse momento histórico de finais da década de 1990 para o século XXI, em meio ao processo de globalização (SANTOS, 2008) a geografia foi praticamente reinventada, com abordagens metodológicas e argumentos teóricos renovados, diante das suas estruturas e categorias de análises.

Diante da globalização econômica do mundo e da exposição midiática e informacional (SANTOS, 2001) das desigualdades e diferenciações espaciais, categorias como região e território, foram redimensionadas, trazendo para o debate geográfico, ao lado do local e da paisagem novos enfoques. Nesse sentido, os geógrafos culturais passaram a se interessar cada vez mais pelos territórios, na perspectiva política e cultural.

O poeta Jessier Quirino percebe algo parecido com essa estranheza alertada por Santos (2009), ao considerar que um matuto sertanejo, analfabeto que vai ao cinema na capital e assiste um filme estrangeiro legendado, e ao retornar para casa, conta o filme todinho aos seus familiares e amigos, ao estilo e linguajar nordestino. As riquezas de detalhes demonstram que o processo de globalização é uma marca em todos os lugares, independente das culturas locais, que estão em processo de metamorfose (SANTOS, 2001).

A grande mudança ou sacada nas análises territoriais feitas pela Geografia Cultural, foi tirar o território da berlinda do materialismo histórico dialético e levá-lo para o campo da subjetividade e da intersubjetividade cultural, inclusive na interrelação entre sociedade e natureza (MARIANO NETO; SALES; SALES, 2006). Nos interessa aqui, o território na perspectiva cultural.

Haesbaert (2009, p. 37), considera o território a partir de quatro instâncias: jurídico-política; econômica, ambiental e cultural. No sentido cultural ele destaca a dimensão simbólica, a partir das sociedades tradicionais ou “neotribalismo”, bem como a subjetividade ou a identidade dos indivíduos. Haesbaert (2009), demonstra uma preocupação teórica identificada como a desterritorialização cultural, bem como da reterritorialização a partir de enfoques étnicos, religiosos e linguísticos.

Sob essa ótica, os territórios seriam definidos como culturalmente mais fechados – cujos grupos poderiam ser vistos, ao mesmo tempo, como territorializados (internamente) e desterritorializados (na relação com grupos de outros territórios, deles excluídos) – e culturalmente mais híbridos – no sentido de permitirem/facilitarem o diálogo intercultural, com possibilidades de emergir novas formas, múltiplas de identificação cultural (HAESBAERT, 2009, p. 79).

Ao definir o território na perspectiva cultural, vemos a grande aproximação da Geografia Cultural com esta categoria de análise geográfica. Nesse sentido, admitimos a existência de centenas de exemplos territoriais dentro do Nordeste brasileiro, se levarmos em consideração os aspectos culturais do povo e de suas tradições simbólicas, como a língua e o sotaque nordestino.

Levamos em conta que, o Nordeste é a matriz cultural do Brasil em seu processo de colonização, com a presença portuguesa e o seu cristianismo rococó, tensionando as tradições indígenas e o processo de escravidão dos povos africanos. Esse choque cultural marcou profundamente as ideias de Haesbaert (2001), pois os territórios milenares e tradicionais dos povos das florestas (indígenas), começaram a ser saqueados por estrangeiros e com eles os povos africanos trazidos em correntes, desterritorializados da África.

O poder político e econômico dos portugueses que estiveram diretamente envolvidos com a empreitada colonialista, também impactaram diretamente estas pessoas. Nesse sentido, o choque cultural foi nítido e tudo que se formou a partir destes primeiros contatos, nada amistosos, geraram territórios inseguros e incertos. Logo, os resultados territoriais culturais do Nordeste foram traumáticos. Não houve blindagem territorial (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009).

Quinhentos anos depois, Temos um Nordeste marcado por traços culturais que se misturaram, em muitos momentos por imposições de poder da cultura cristã europeia, mas mesmo assim, os povos de origem africana e o que remanesceu dos povos tradicionais do Brasil, deram base para o que chamamos de nordestinos, e ser

nordestino no Brasil, não significa apenas mais uma posição geográfica no mundo. Como diz Albuquerque Júnior (2009) em “a invenção do Nordeste e outras artes”, escolhemos juntar região e território justamente para falarmos do Nordeste, enquanto uma região marcada por diferentes territórios.

O Nordeste, na verdade, está em toda parte desta região, do país, e em lugar nenhum, porque ele é uma cristalização de estereótipos que são subjetivados como característicos do ser nordestino e do Nordeste. Estereótipos que são operativos, positivos, que instituem uma verdade que se impõe de tal forma, que oblitera a multiplicidade das imagens e das falas regionais, em nome de um feixe limitado de imagens e falas clichês, que são repetidas ad nauseum, seja pelos meios de comunicação, pelas artes, seja pelos próprios habitantes de outras áreas do país e da própria região (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 307).

Estes fragmentos da Tese do professor Durval Muniz, publicada em 2001 e republicada em 2009 estão afinados com o que o poeta Jessier Quirino, defende em suas obras literárias regionalistas. Um território cultural marcado por fortes contradições, tanto dos que ficaram, quanto dos que saíram e se espalharam pelo Brasil, transformados em paraíba, baiano, cearense etc.

Haesbaert (2001), as territorializações, desterritorializações e reterritorializações, geram hibridismos territoriais. Não podemos dizer que existe uma unidade territorial, nem mesmo na própria natureza da região, ou em sua delimitação político administrativa, pois o Nordeste ganha diferentes contornos culturais, quando falamos de Meio Norte, Sertão, Agreste e Litoral. A cultura local e regional define territorialidades distintas, a natureza constitui paisagens distintas e o Nordeste é uma invenção política, econômica, social e cultural (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009).

Ao nos depararmos com a literatura popular de Jessier Quirino, vimos o quanto a Geografia e a cultura popular estão presentes em temas paisagísticos em questões locais e regionais e inclusive nos preconceitos regionais e locais. Existe uma grande diferenciação regional e as vezes, as escalas locais, urbanas e rurais, também são percebidas.

Podemos dizer que a Geografia Regional e a Literatura regionalista estão impressas na poesia popular de Jessier Quirino, fato que deve ser considerado em cada um dos seus poemas, como retratos de uma realidade regional, marcados pelo simbolismo e pela identidade daqueles que se sentem nordestinos e se reconhecem nas obras do autor que escolhemos analisar.

Importantes coletâneas organizadas por Corrêa; Rosendhal (2013) atualizam este debate em torno da Geografia e da Literatura, entre os quais Brosseau (2007; 2013), desvela vários aspectos desse encontro teórico, inclusive explorando a ideia de uso do romance enquanto outro sujeito para a geografia. Nesses encontros também podemos destacar que a literatura regionalista, se aproxima ainda mais da Geografia Cultural e Regional.

Dentro desta revisão de literatura, também podemos destacar a importante obra organizada por Oliveira (2018), em que a autora apresenta o conceito de território e topofobia na trilogia Jogos Vorazes. A autora explora muito bem a relação entre Geografia e Literatura. Estes argumentos nos ajudam a compreender a importância da Geografia Cultural na perspectiva da literatura popular, como as obras de Jessier Quirino.

Pautada por novas interpretações, escritas no início da década de 1980 por Yu Fu Tuan, republicado e traduzido por Lívia de Oliveira em 2013, Serpa (2019) traz para a atualidade a ideia de uma geografia dos espaços vividos, apontando para a geografia e a fenomenologia. Quando lemos Jessier Quirino, encontramos muitos argumentos sobre os lugares identitários, sobre as paisagens e a região Nordeste em cenários poéticos que coadunam com o que nos apresenta Serpa (2019), em que a geografia se renova e muito nestes estudos híbridos. Por tanto, nossa escolha se vale de obras literárias poéticas e de um autor que se considera popular e matuto e nosso estudo constatou que seus escritos se inserem profundamente em nossa Geografia Cultural Regional.

Considerando as obras literárias de Jessier Quirino, veremos o quanto existe de horizonte geográfico entre os seres humanos descritos nas poesias e o imaginário popular, em que, a Geografia Cultural, apresenta em seu arcabouço teórico, categorias de análise, que relacionadas com a produção literária, em seu imaginário sociocultural, dá sentido aos seus personagens e cenários de atuação, enquanto lugares e paisagens típicas do Nordeste brasileiro. Nesse sentido, a literatura regionalista é fortemente expressa nas diferentes obras de Quirino, com ênfase para situações, lugares e personagens típicos da cultura regional nordestina.

3 “PAISAGEM DE INTERIOR”

Este capítulo adentrou nas poesias populares que enfocam a ideia de simbolismos e subjetividades da cultura nordestina que podem ser percebidos em situações paisagísticas, regionais, territoriais e locais.

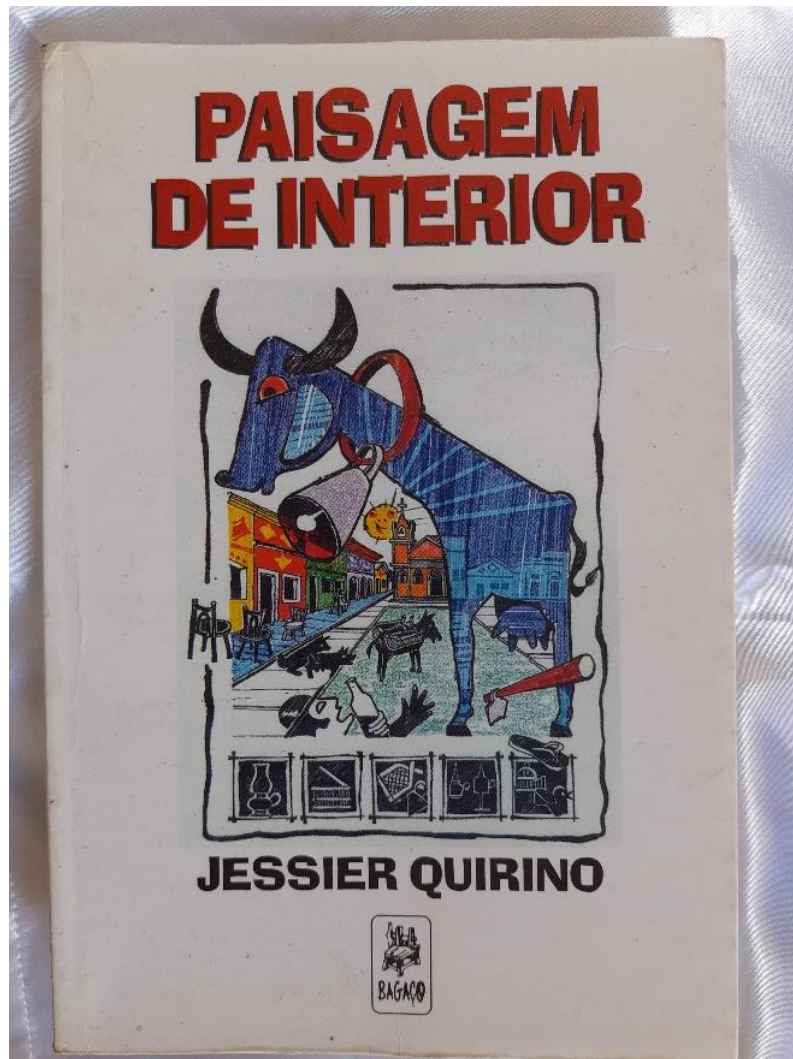
As imagens e representações do povo nordestino, bem como os seus valores culturais e linguísticos. Quirino (1996), considera a “poesia matuta” ou a “poesia brejeira”, enquanto territórios literários nordestinos. De maneira geral, destacamos as quatro principais obras que foram escolhidas, para delas analisarmos a influência de elementos geográficos expressos no decorrer dos trabalhos. Na pesquisa elegemos os livros: “Paisagem de Interior” (QUIRINO, 1996); “Berro Novo” (QUIRINO, 2009); “Prosa Morena” (QUIRINO, 2001) e “Papel de Bodega (QUIRINO, 2013). A partir destes trabalhamos com a análise textual e análise do discurso, considerando alguns fragmentos literários em que a geografia é literalmente expressa.

O primeiro livro escolhido para esta análise foi “Paisagem de Interior” (QUIRINO, 1996), constituído por 158 páginas e 52 poesias e casos. Nesta obra escolhemos como destaque quatro poesias, entre as quais “Isso é cagado e cuspidão paisagem do interior”; “No terreiro da fazenda”; “De primeiro tudo era diferente” e; “Voltando pro Nordeste”. Este livro representa o início dos trabalhos de Jessier Quirino, enquanto um autor que consegue escrever com riqueza de detalhes os tratados e prosas poéticas do povo nordestino.

A capa do livro “Paisagem de Interior” (QUIRINO, 1996) expressa elementos da cultura rural e urbana de comunidades interioranas do Nordeste. As poesias e casos refletem histórias de vidas e curiosidades do povo nordestino. Resgata histórias de Lampião e do Cangaço, misturando estas ideias com a cultura político dos coronéis. Retrata os hábitos e costumes dos moradores de fazendas, povoados e distritos típicos das cidadezinhas que predominam no interior do nordeste.

A primeira poesia escolhida nesta análise foi “Isso é Cagado e Cuspidão Paisagem de Interior”, pois reflete o conjunto da obra de maneira que a Geografia Cultural é facilmente identificada, na perspectiva de um nordestino que conhece ou vive de maneira mais profunda o seu lugar de origem. A escolha desse primeiro livro serviu de inspiração para pensarmos a Geografia Cultural na perspectiva da literatura popular (Figura 13):

Figura 13 – Capa do livro Paisagem de interior de Jessier Quirino, Recife: Bagaço, 1996



Fonte: Arquivo da Autora, 2007.

ISSO É CAGADO E CUSPIDO PAISAGEM DE INTERIOR -
 Matuto no mêi da pista/ menino chorando nu/ rolo de fumo e beiju/
 colchão de palha listrado/ um par de bêbo agarrado/ preto veio
 rezador/ jumento, jipe e trator/ lençol voando estendido/ isso é cagado
 e cuspidos/ paisagem de interior/. Três moleque fedorento/ morcegando
 um caminhão/ chapéu de couro, gibão/ bodega com sortimento/ poeira
 no pé do vento/ tabulêro de cocada/ banguela dando risada/ das prosa
 do cantador/ buchuda sentindo dor/ com o filho quase parido/ isso é
 cagado e cuspidos/ paisagem de interior/. Bêbo lascando a canela/
 escorregando na fruta/ num batente, uma matuta/ ariando uma panela/
 cachorro numa cadela/ se livrando das pedrada/ ciscador, corda e
 enxada/ na mão do agricultor/ no jardim, um beija-flor/ num pé de
 planta florido/ isso é cagado e cuspidos/ paisagem de interior. Mastruz
 e erva-cidreira/ debaixo dum jatobá/ menino querendo olhar/ as calça
 da lavadeira/ um chiado de porteira/ um fole de oito baixo/ pitomba boa
 no cacho/ um canário cantador/ caminhão de eleitor/ com os voto tudo
 vendido/ isso é cagado e cuspidos/ paisagem de interior/. Um motorista
 cangueiro/ um jipe chêi de batata/ um balai de alpercata/ porca gorda

no chiqueiro/ um camelô trambiqueiro/ avelós e lagartixa/ bode véio de barbicha/ bisaco de caçador/ um vaqueiro aboiador/ bodegueiro adormecido/ isso é cagado e cuspidado/ paisagem de interior/. Meninas na cirandinha/ um pula corda e um toca/ varredeira na fofoca/ uma saca de farinha/ cacarejo da galinha/ novena no mês de maio/ vira-lata e papagaio/ carroça de amolador/ fachada de toda cor/ um bruguelim desnutrido/ isso é cagado e cuspidado/ paisagem de interior/. Uma jumenta viçando/ jumento correndo atrás/ um candeeiro de gás/ véi na cadeira bufando/ raído de pilha tocando/ um choriço, um manguzá/ um galho de trapiá/carregado de fulô/ fogareiro, abanador/ um matador destemido/ isso é cagado e cuspidado/ paisagem de interior/. Um soldador de panela/ debaixo da gameleira/ sovaqueira, balinheira/ uma maleta amarela/ rapariga na janela/ casa de taipa e latada/ nuvilha dando mijada/ na calçada do doutor/ toalha no quarador/ um terreiro bem varrido/ isso é cagado e cuspidado/ paisagem de interior/. Um forró de pé de serra/ fogueira, milho e balão/ um tum-tum-tum de pilão/ um cabritinho que berra/ uma manteiga da terra/ zoada no mêi da feira/ facada na gafieira/ matuto respeitador/ padre, prefeito e doutor/ os home mais entendido/ isso é cagado e cuspidado/ paisagem de interior (QUIRINO, 1996, p.19-23).

Dentro do gênero literário reconhecido enquanto poesias, poemas, sonetos e outros, se destaca o cordel. Pequenos livretos que exploram um tema, geralmente regional, buscando interpretar situações sociais culturais, políticas, a partir da subjetividade linguística, em que as palavras são escolhidas privilegiando-se o sentido e a rima (MELO, 2019).

Em apresentação no Youtube, Quirino (2015) explica que a expressão “cagado e cuspidado” é uma corruptela de um termo ibérico “*em carrara esculpido*”, representando a ideia de semelhança ou aparência entre duas coisas ou pessoas. Depois o termo se deformou para “encarnado esculpido” e depois para “escarrado e cuspidado” e o matuto arredondou para “cagado e cuspidado” (QUIRINO, 2019).

A primeira poesia de Jessier Quirino que escolhemos para análise geográfica traz como principal mote “Isso é cagado e cuspidado paisagem do interior”, como a frase que se repete ao final de cada estrofe. São nove estrofes e em cada uma delas o autor recorre a uma situação imagética que traduz o sentido de paisagem, tanto no olhar, quanto na memória das pessoas que vivem ou viveram no interior do Nordeste brasileiro. O autor privilegia situações tanto naturais quanto humanas, desde as coisas mais simples, quanto as situações mais engraçadas dos hábitos ou costumes de um povo.

Matuto no mêi da pista/ menino chorando nu/ rolo de fumo e beiju/
colchão de palha listrado/ um par de bêbo agarrado/ preto veio

rezador/ jumento, jipe e trator/ lençol voando estendido / isso é cagado e cuspidor/ paisagem de interior (QUIRINO, 1996, p. 19).

Na primeira estrofe já vemos a grande riqueza de detalhes expostos pelo autor. Ele consegue nos apresentar elementos da cultura matuta, em que surgem dados sociais, culturas do fumo e da mandioca, expressos no fumo de rolo e no beiju. Podemos observar exemplos da religiosidade e das crenças populares expressas no “Preto velho rezador”, bem como o progresso em meios de transporte como o jumento, o jipe e o trator.

Na segunda estrofe o autor cita alguns termos que estão diretamente relacionados com a cultura local, ao exemplo de: chapéu de couro, gibão, tabuleiro de cocada e bodega com sortimento. Ressalta também a ideia de uma mulher grávida e perto de dar à luz. Ele também usa expressões comuns para o nordestino como mulher buchuda e quase parindo.

A paisagem de interior é marcada por “*ciscador, corda e enxada na mão do agricultor, no jardim um beija-flor num pé de planta florido*”. Estas e outras observações do autor, ganham uma dimensão espacial e material fora do comum. Quem lê ou escuta, consegue imaginar o cenário do texto. Na medida em que continuamos a leitura, vamos encontrando os elementos da paisagem sertaneja ou interiorana do Nordeste, em cada um dos traços. O detalhe é a coisa mais importante do poema de Jessier Quirino. O material e o imaterial se encontram e se misturam as obras de Quirino, nos levando a ideia de que não existe separação entre materialismo e fenomenologia ou percepção.

Do bisaco do caçador, o vaqueiro aboiador, bodegueiro adormecido. Quirino (1996), ressalta pouco a pouco as diferentes situações paisagísticas de um lugar. Onde este pode ser um curral de gado, uma estrada empoeirada, um jumento, um cachorro ou crianças brincando. O autor vai as paisagens da feira livre, destaca um tabuleiro de cocadas, saco de farinha, jeep cheio de batatas. Fala de plantas medicinais como mastruz e erva-cidreira debaixo de um pé de Jatobá, madeira de lei do Nordeste.

Na sua paisagem de interior, Quirino (1996) destaca paisagens com casas de taipas, terreiros bem varridos, novenas do mês de maio, além de carroça de amolador, soldador de panelas e até mesmo de um bruguelim desnutrido. Resgata um forró de pé-de-serra e de um tum-tum-tum de pilão. Ao final lembra de cenas políticas como um caminhão carregado de eleitor com os votos tudo vendido, além de prefeito, padre

e doutor. Elementos comumente vistos no interior do nordeste brasileiro, enquanto espaços vividos, por um povo e a sua cultura material e imaterial.

Para o Nordeste Brasileiro, marcado por uma cultura popular em que os costumes locais e regionais estão estampados nas maneiras e meios de vida típicos, qualquer um nordestino reconhece o que o autor destaca em sua poesia. Aqui não nos prendemos a objetividade ou a subjetividade dos fenômenos, pois percebemos que os grupos sociais, guardam em suas ações o sentido de pertencimento regional e os valores culturais são os principais elementos identificadores desse sentimento de pertença.

Na sequência escolhemos a poesia “*De primeiro era tudo diferente*” (QUIRINO, 1996, p. 117). Através deste texto poético, temos como refletir sobre a relação espaço tempo, na perspectiva da geografia proposta pelo professor Milton Santos, quando Santos (2008), nos alerta para a relação espacial fruto dos processos sociais históricos, pois a história ou o tempo exercido pelos humanos em sociedade permitem perceber essa segunda natureza, transformada.

DE PRIMEIRO ERA TUDO DIFERENTE - De primeiro era tudo diferente/ se botava cadeiras na calçada/ se ouvia o cantar dos passarinhos/ se vivia com seus pequenos nada/ com seus nada pequenos na pobreza/ ou riqueza numa peinha de nada/ e os mais velhos sentavam com os vizinhos/ e assistiam o furor da meninada/... E Zuzinha chorava.../ ôhh! tadinho!/ - foi Buru que tomou o patinete.../ e Buru morcejava a marinete/...e Buru recebia um cocorote/ e fazendo bochecha o tal filhote/ se amuava e sentava no batente/ e a mãe, dedo em riste, à sua frente/ diz: -“Em tempo de fazer uma arte”/ mas quebrava um “rasga-boca” em duas partes/ e com uma agradava o descontente./ Vez por outra passava uma fubica/ latumia de toda cachorrada/ ...tome vaia daquela meninada/ no coitado lambaio de oficina/ que encarcava o pitoco da buzina/ e a fubica peidava em disparada./ E os pais regressavam da jornada/ lusco-fusco do sol de tardezinha/ e as cadeiras da gente e da vizinha/ esperava o jantar da meninada./ - Criatura de Deus, come com calma!/ pra que diabo tu quer tanto vexame?/ Ôh meu Deus, me perdoe, eu disse diabo!...é que deixam metade do inhame/ Ô mamãe, ó Burú fazendo cósca,/ tire ele daqui senão não como!/ sai Burú de orelha muchicada/ com o joelho que é só mercúrio cromo/ Meninada de volta na calçada/ forma logo uma roda pelo chão/...é conversa de medo, assombração/ lobisomem em noite enluarada/ o primeiro boceja sonolento/ o segundo, o terceiro até o nono/ um a um, cada qual pra sua casa/ e a mãe no sofá matava o sono./ Ficam os pais conversando no sereno/ “mode o eixo do tempo azeitá”/ mete o pau no fí de seu Fulustreca/ ...que não tem medo dele e sua reca/ e aí começava o parará/. Parará, parará com mais de mil/...futebol e de novo parará/ acabava a hora do Brasil/ - oito horas “dim-dom” vamos entrá!...um

aperto de mão e um abraço/ é botar as cadeiras no terraço/ escutar um raidinho e se deitá (QUIRINO, 1996, p.117-119).

Se compararmos com o conceito de espaço vivido (TUAN, 2013), percebemos que o autor se refere ao lugar tranquilo das cidades pequenas do interior do Nordeste, sem definir claramente, mas podemos imaginar um local do Agreste, Cariri ou Sertão. Um lugar tranquilo em que as pessoas se sentavam na calçada ao final da tarde para observar as crianças brincando, enquanto conversavam sobre o cotidiano. Pela construção textual, se percebe um lugar tranquilo, sossegado. Pelo movimento das ruas, percebe-se que o tempo ao qual o autor descreve representa um passado, pois ele cita dois tipos de automóveis que eram comuns nas décadas de 1950 e 1960, ao exemplo da fubica e da marinete.

Observando mais calmamente seus escritos, também percebemos que ainda não havia televisores nas casas, e um dos meios de comunicação ou informação era o rádio, com destaque para o Programa “A Voz do Brasil”, criado desde a Era do Governo Vargas e que ainda existe até os dias de hoje. Como não havia televisão, os pais contavam histórias para as crianças dormir. O autor ressalta para as histórias de lobisomem e assombração.

Quem foi criança nestas décadas sabe bem o que eram essas histórias como: Mula Sem Cabeça, Saci Pererê, Papa Figo, O Velho do Saco. O que nossos avós chamavam de *estórias de trancoso*. A literatura regionalista é marcada por estórias marcadas por valores de pertencimento local e regional, muito valorizadas pelas tradições e que, em algum momento foram incorporadas ao Folclore Nordestino.

Mesmo com advento da globalização, a chegada da TV, do videocassete, agora na internet e do celular, mesmo assim, ainda existe lugares calmos e tranquilos. Na minha cidade natal, Rio Tinto/PB, ainda é comum ver as pessoas sentadas na calçada, nas portas das casas, conversando, enquanto as crianças brincam na rua. Mas com certeza muita coisa mudou, e no que diz Santos (2001) a Globalização acelerou o tempo-espaço das transformações socioespaciais. O autor condensa em um “Meio Técnico-científico-informacional”, completamente diferente de meio século atrás.

Outro tema recorrente nas obras de Jessier Quirino diz respeito ao processo migratório, que o autor explora em cartas e cenários de viagens, aos moldes de Luiz Gonzaga que explora a saída dos nordestinos em uma triste partida, pela falta de terras para trabalhar ou pela seca perversa. Em “Voltando pro Nordeste” (QUIRINO, 1996, p,150), o autor transforma poesia em canção e em ritmo de forró canta a alegria

e a memória das coisas boas deixadas há anos e agora desejosas de encontrar, sonhadas como familiares, sabores típicos do Nordeste e prazeres como se deitar em sua rede amarela:

VOLTANDO PRO NORDESTE - Seu motorista/ siga pro Nordeste/
Que eu sou cabra da peste, quero ver o meu xodó/. Mas na carreira/
não passe de uma centena/ Ligue o rádio, puxe antena/ Sintonize num
fórró/. Daqui pra frente/ são três dias de viagem/ Eu já tou vendo
miragem/ É a saudade matadeira/. Sinto o balanço/ da minha rede
amarela/ Quando o carro na banguela/ imbiloca na ladeira/. Nessa
miragem/ eu sinto cheiro de cachaça/ De rolinha com fumaça/ cheiro
quente de beiju/. Ouço o ciscado/ do frango de capoeira/ Dos pintos
na piadeira/ Mugido de boi-zebu/. Eu tou sentindo/ o cheiro azedo de
coalhada/ Cheiro bom de tripa assada/ subindo do fogareiro/. Escuto
o berro/ da ovelha desgarrada/ Chocalhado da boiada/ Aboio do
boiadeiro/. Escuto o choro/ dos meninos arengando/ Só tem doze se
criando/ e a tudinho eu quero bem/. Não vejo a hora/ de chegar
naquela sala/ De abrir a minha mala, distribuir os terém/. Seu
motorista/ lá no fim desse asfalto/ Sinhô pare que eu salto/ Que minha
goela deu um nó/. Tá vendo aquela/ dentro daquela rede amarela/
Adivinhe quem é ela? Ela é o meu xodó (QUIRINO, 1996, p.150-151).

Pela expressão textual, fica claro que o migrante ao retornar para a sua terra natal, demonstra uma profunda saudade, um profundo sentimento de pertencimento ao lugar do qual partiu e agora retorna e, com seu retorno, memórias e sentimentos que só quem já saiu do seu lugar de origem, sabe o que o viajante está sentindo. Uma mistura de sabores e de paisagens marcadas por animais, por comidas típicas e por um jeito de zona rural do Nordeste brasileiro.

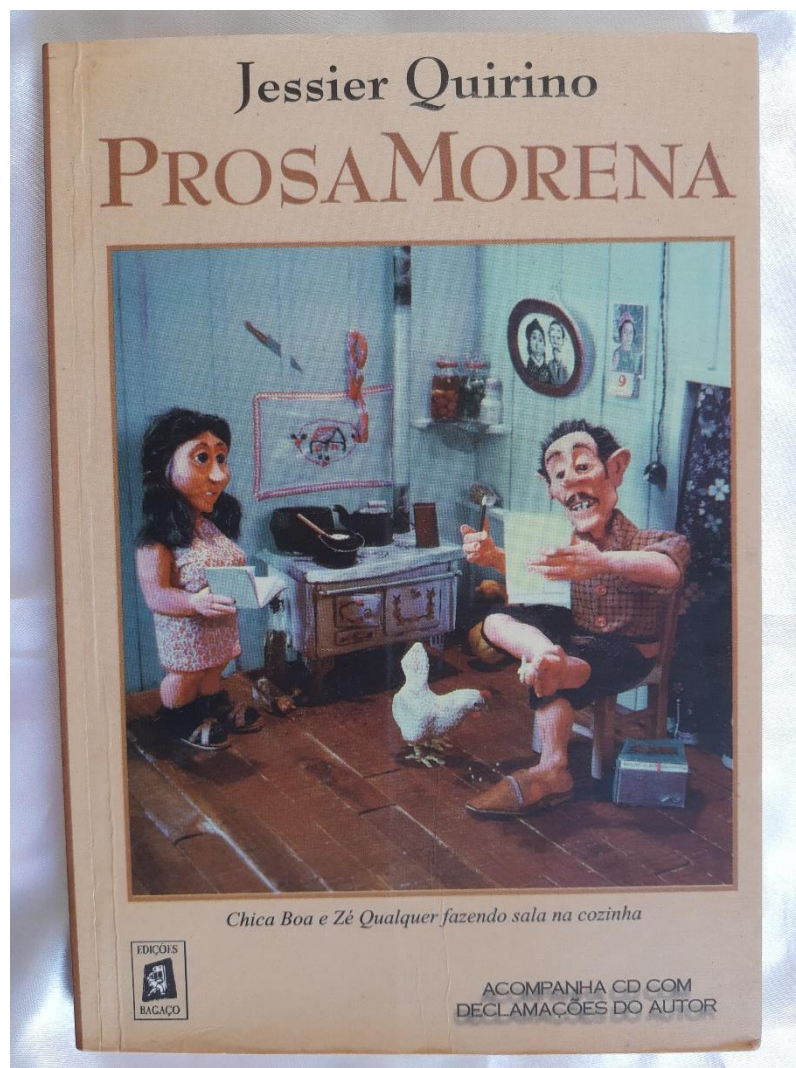
A Geografia Cultural regional quando se encontra com a Literatura Popular, fortalecem ainda mais a Literatura regionalista. Notamos que a poesia de Quirino (1996) retrata uma realidade vivida pelas pessoas de uma dada região. No momento de volta para a terra natal, para a família, a esposa os filhos e os amigos do lugar de origem, percebemos que quando partimos levamos conosco as memórias das vidas com as quais estamos envolvidos, mas não é apenas com as vidas, com as pessoas, mas também com as paisagens, os costumes e tradições locais.

Quirino (1996, p.150), destaca que: “Nessa miragem eu sinto cheiro de cachaça/ De rolinha com fumaça, cheiro quente de beiju (...) Eu tou sentindo o cheiro azedo de coalhada/ Cheiro bom de tripa assada subindo do fogareiro”. Nessa estrofe do poema dá pra identificar que o autor se refere a alguém que guarda em sua memória elementos típicos de moradores da zona rural, ou áreas interioranas do Nordeste.

4 “PROSA MORENA” – CHICA BOA E ZÉ QUALQUER FAZENDO SALA NA COZINHA

O segundo livro escolhido para a pesquisa foi “Prosa Morena” (QUIRINO, 2001). O livro já traz uma significativa obra de arte em esculturas com massa do ilustrador gaúcho Roberto Silva e Ferrer e fotografia de Roberto Silva. As riquezas de detalhes dos personagens “Chica Boa e Zé Qualquer”, lembram um cenário rural de casa do interior, em que as personagens estão em uma cozinha, com livros, certamente de poesias matutas (Figura 14):

Figura 14 - Capa do livro Prosa Morena de Jessier Quirino, Recife: Bagaço, 2001



Fonte: Arquivo da Autora, 2009

O livro *Prosa Morena* é constituído por 59 poemas e um CD com recital e composições de Quirino (2001). Como são muitos temas, elegemos aqueles que estão mais diretamente relacionados com aspectos da Geografia Cultural, entre os quais: “Parafuso de cabo de serrote”, “Secas de março” e; “Finca fé do Sertanejo”, por retratarem situações cenários de uma poesia matuta e proseada.

PARAFUSO DE CABO DE SERROTE: Tem uma placa de Fanta encardida/ A bodega da rua enladeirada/ Meia dúzia de portas arqueadas/ E uma grande ingazeira na esquina/ A ladeira pra frente se declina/ E a calçada vai reta nivelada/ Forma palmos de altura de calçada/ Que nos dias de feira o bodegueiro/ Faz comércio rasteiro e barateiro/ Num assoalho de lona amarelada/. Se espalha uma colcha de mangalho/: É cabresto, é cangalha e é peixeira/ Urupema, pilão, desnatadeira/ Candeeiro, cabaço e armador/ Enxadeco, fueiro, e amolador/ Alpercata, chicote e landuá/ Arataca, bisaco e alguidar/ Pé-de-cabra, chocalho e dobradiça/ Se olhar duma vez dá uma doidiça/ Que é capaz do matuto se endoidar/. É bodega sortida cor de giz/ Sortimento surtindo grande efeito/ Meia dúzia de frascos de confeito/ Carrossel de açúcar dos guris/ Querosene se encontra nos barris/ Onde a gata amamenta a gataiada/ Sacaria de boca arregaçada/ Gargarejo de milhos e farelos/ Dois ou três tamboretas em flagelo/ Pro conforto de toda freguesada/. No balcão de madeira descascada/ Duas torres de vidro são vitrines/ A de cá mais parece um magazine/ Com perfume e cartelas de *Gillete*/ Brilhintina safada, canivete, Sabonete, batom... tudo entrepado/ *Filizolla* balança bem ao lado/ Seus dois pratos com pesos reluzentes/ Dá justeza de peso a toda gente/ Convencendo o freguês desconfiado/. A Segunda vitrine é de pão doce/É tareco, sequilho e cocorote/ Broa, solda, bolacha de pacote/ Bolo fofo e jáú esfarofado/ Um porrete serrado e lapidado/ Faz o peso prum maço de papel/ Se embrulha de tudo a granel/ E por dentro se encontra uma gaveta/ Donde desembainha-se a caderneta/ Do freguês pagador e mais fiel/. Prateleiras são tábuas enjambradas/ Com um caibro servindo de escora/ Tem também não sei qual Nossa Senhora/ Com um jarrinho de louça bem do lado/ Um trapézio de flandres areados/ Um jirau com manteiga de latão/ Encostado ao lado do balcão/ Um caneiro embicando uma lapada/ Passa as costas da mão pelas beijadas/ Se apruma e sai dando trupicão/. Tem cabides de copos pendurados/ E um curral de cachaça e de conhaque/ Logo ao lado se vê carne de charque/ Tira gosto dos goles caneados/ Pelotões de garrafas bem fardados/ Nas paredes e dentro dos caixotes/ Tem rodilha de fumo dando um bote/ E um trinchete enfiado num sabão/ Bodegueiro despacha ao artesão/ Parafuso de cabo de serrote (QUIRINO, 2001, p. 21-23).

Nas cidades do interior do Nordeste ainda é possível encontrarmos uma bodega bem sortida. No poema “Parafuso de cabo de serrote”, Quirino (2001) reproduz com riqueza de detalhes um desses espaços típicos do Nordeste. A bodega expressa uma pequena feira de sortimentos, só encontrada em mercados públicos e feiras livres, em especial na parte da “feira de mangaio”, como retratou Gadelha;

Sivuca (1971). Quirino faz essa leitura apurada e consegue levar para dentro da bodega os detalhes dos sortimentos que uma mercearia precisa ter, do contrário o bodegueiro perde o freguês.

Estas representações de Quirino (2001) mexem com a nossa memória afetiva. Destacamos que, como neta de comerciantes da feira de mangaio, na cidade de Rio Tinto/PB, e ainda criança, nos vem a lembrança a montagem dos bancos de mangaio, trazendo de dentro do box do mercado público para o meio feira. Eram um monte de objetos típicos das feiras camponesas nordestinas.

Na feira de mangaio, meus avós vendiam de tudo: chapéu de palha e de couro, abano, vassoura, espanador, pião de ponteira, bonecas de pano, carrinhos de lata, corda de sisal, arreios, cabresto de cavalo, faca, facão, amolador, pá, enxada, enxadeco, dobradiça, ferrolho, ratoeira, armador de rede, prego, parafuso, sandalha de couro, chicote, caco de torrar castanha, apito de caça, peneiras (arupemba), redes de pesca (pulsar), anzol, entre outros objetos.

Quando saíamos de casa para a feira, era por volta das três horas da madrugada. Eu tinha apenas cinco (05) anos de idade, mas algumas memórias dos meus avós e seus bancos de mangaio ainda estão frescas em minha mente. Lembro que os ajudava na montagem dos bancos, e quando tudo estava arrumado, minha mãe estendia uma lona amarela debaixo do banco e eu ia dormir até o raiar do dia e a chegada dos primeiros fregueses.

Uma bodega bem sortida é uma paisagem marcada por detalhes, por um conjunto bem organizado de coisas essenciais. Em uma viagem de campo que fiz para o interior da Paraíba, organizada pelo professor Mariano Neto, tive oportunidade de conhecer uma bodega dessas, na cidade de Pombal/PB. O professor nos levou para comermos um pão doce com nata. O Proprietário do lado de dentro do balcão, na medida em que nos atendia, nos contava como a sua bodega já havia se tornado um atrativo turístico da cidade, pois era a única que ainda guardava os detalhes das bodegas de antigamente.

Esse poema particularmente chama minha atenção, pois durante minha infância, na cidade Rio Tinto/PB, era na bodega de Seu Xanta, nosso vizinho onde ia comprar meus lanches de fim de tarde, lembro que comprávamos sabão em pedaços, óleo em copos e o querosene vendido “à mercado”, quando levávamos as embalagens para a compra desses produtos. O que me trás a memória, doces lembranças de um tempo ido de minha infância, vivida em uma pequena cidade do

nordeste brasileiro, muito bem retratadas na poesia de Quirino (2001), e no que Tuan (2013) considera enquanto espaço vivido, reinterpretado por Serpa (2019).

Quirino (2001), ao escrever “parafuso de cabo de serrote”, no primeiro ano do século XXI, faz um registro profundo de como eram as mercearias entre os anos de 1950 a 1990. Estas foram se transformando, foram perdendo espaço para os novos arranjos do mercado de compra e venda de produtos. Agora, os mercadinhos, sem balcões e com uma espécie de autoatendimento, estão recheados de produtos de marcas multinacionais. Quando cheguei em Guarabira, por volta de 2007 ainda encontrei umas duas bodegas em funcionamento, mas por pouco tempo, pois se modernizaram e perderam essa identidade de bodegas.

Provavelmente ainda encontramos bodegas em algumas cidades do interior do Nordeste, mas resta saber se com essa riqueza de detalhes registradas por Quirino (2001). Sem a intenção de debater sobre as questões globais versus as questões locais, o autor ao escrever esse poema, resgata memórias e imagens que poderão deixar de existir, na medida em que nos embreamos cada vez mais em um modelo globalizado de comércio.

Outro poema que escolhemos se intitula “Secas de Março” (QUIRINO, 2001, p. 89), em que o autor esclarece que foi feita com base em “águas de março de Tom Jobim. Enquanto Jobim faz uma leitura das águas de março na Região Sudeste, baseado em expressões e ditados populares e adereços de sua canção para os períodos em que as chuvas são abundantes naquela região. Quirino faz uma releitura para o Sertão do Nordeste, pois nesse período é comum identificar chuvas de verão, marcando um calendário de seca, em que, passa a existir muita dificuldade, em especial para as famílias camponesas, que dependem das chuvas para manter a sua agricultura de subsistência e a criação dos seus animais.

SECAS DE MARÇO - É pau, é pedra, é o fim do caminho/ É um metro, é uma légua, é um pobre burrinho/ É um caco de vida, é a vida é o sol/ É a dor, é a morte, vindo com o arrebol/ É galho de jurema, é um pé de poeira/ Cai já, bambeia, é do boi a caveira/ É pé de macambira invadindo a cocheira/ É vaqueiro morrendo, é a reza brejeira/ É angico, é facheiro, é aquela canseira/ É farelo, é um cisco, é um resto de feira/ É a fome na porta, é um queira ou não queira/ Na seca de março, é a fuga estradeira/ É o pé, é o chão, é a terra assadeira/ É o menino na mão, e mais dez na traseira/ É um Deus lá no céu, Padre Ciço no chão/ Éromeiro rezando dentro dum caminhão/ É o filho disposto partindo sozinho/ No Sul a esperança, é um novo caminho/ É o pai fatigado, é a mãe a lutar/ É a cacimba distante, é a lata a pingar/ É carcaça de bicho, é um mandacaru/ É mau cheiro chegando, é o vôo do urubu/ É

barriga de vento, é um corpo na rede/ É anjinho morrendo, é a sede, é a sede. É o canto agourento daquela acauã/ É o vôo da asa-branca no sol da manhã/ É a seca de março torrando o sertão/ É promessa de vida, é a nova eleição/ É doutor deputado, é doutor coronel/ É um pão, uma feira, um remédio no pé/ É um poço, uma pipa, um cantor, uma fã/ É a troca e o troco, depois de amanhã/ É a seca de março torrando o sertão/ É a promessa devida da outra eleição/ É pau, é pedra, é o fim do caminho (QUIRINO, 2001, p. 89-90).

O poema expressa em primeiro momento as dificuldades dos sertanejos, devido aos aspectos físicos ou climáticos de semiaridez que é marcado por períodos de longas estiagens. O autor identifica a vegetação típica de caatinga com espécies adaptadas ao clima seco e que em alguns períodos seca a morrer, bem como a fauna das aves como: urubu, asa branca, acauã, que fogem da seca. Quirino (2001) também resgata temas explorados por Luiz Gonzaga, como os esqueletos de animais mortos, em especial o gado, comum na pecuária extensiva e a ideia de fé, expressa em romeiros para lugares sagrados como o Juazeiro do Norte, local de peregrinação dos romeiros.

Como argumenta Albuquerque Júnior (2009), em a Invenção do Nordeste, esse cenário de seca foi utilizado por grupos políticos oligárquicos para tirar vantagens, se utilizando de uma naturalização do fenômeno das secas, para encobrir seu modelo de poder, concentração fundiária e exploração das populações pobres dos sertões nordestinos. A literatura regionalista, em alguns casos contribuiu para a criação de estereótipos com os flagelados da seca no interior do Nordeste brasileiro.

Na segunda parte do poema o autor explora as desigualdades sociais comuns na Região Nordeste, o que obriga, muitos a optarem pela migração forçada para outras regiões do país ou para as cidades mais promissoras do próprio Nordeste. O autor fecha o poema com temas políticos locais, em que, oligarquias rurais se aproveitam da pobreza para fazer promessas eleitorais, quase sempre não cumpridas. Como vemos, são vários aspectos geográficos que estão contidos na literatura de Jessier Quirino, inclusive com o resgate de outras experiências literárias locais ou externas.

O terceiro poema que nos propomos em analisar foi intitulado “Finca pé de Sertanejo” (QUIRINO, 2001, p. 62), em que o autor destaca o processo migratório comum a Região Nordeste, mas que, na poesia matuta, o autor ressalta a resistência de alguns em não aceitar essa saída do seu lugar de pertencimento também entendido enquanto espaço vivido (SERPA, 2019).

FINCA PÉ DE SERTANEJO – Se o cabra se pau-de-arara/ pro rumo das capitá/ deixa um peso amarombado/ pra quem fica, carregá/ é espeto! É luta! É peia!.../ oração aqui campeia/ mode os tempo melhorá/. A redor de oitenta légua/ não se escuta um trovejá/ notícia de chuva aqui/ é casa pra retelhá/ é tão fraca a invernia/ que se chovê oito dia/ não dissolve um *Sonrisá*/. Já, pra quem se pau-de-arara/ é tiro, é morte, é roubá.../ só se o cabra for pancada/ ou mei internacioná.../ só com muita maruage/ não leva malaquiage/ dos Malaquia de lá/. Se eu também me pau-de-araro/? Deus o-live, de cismá!/ Eu finco o pé, me arrasto/ feito cobra de preá/ mas ir mimborá, eu vou brêu!... Digo mais, um filho meu/ não se pau-de-arará (QUIRINO, 2001, p. 62).

Como vimos no poema “Finca pé de Sertanejo”, Quirino (2001), se utilizando do linguajar matuto e usando neologismos vernaculares, faz uma leitura sobre os meios de transportes que eram comuns as longas viagens de nordestinos para outras regiões do Brasil. No poema em tela ele ressalta o “pau-de-arara” que era um caminhão com bancos improvisados e cobertos com lonas, que transportavam migrantes, em especial entre as décadas de 1950 à 1970.

No poema o sertanejo declara que não fará essa loucura em sair de sua terra para viver as incertezas das outras regiões, e a expressão “finca pé”, significa um ato de resistência ou de negação para o processo migratório. O poema lembra bem a música “Pau-de-Arara” (CORUMBÁ; GUIMARÃES, 1956), composição que ficou eternizada na voz de Luiz Gonzaga, e se o carizeiro só deixa o Cariri no “último pau-de-arara, significa que finca o pé em sua terra” de lá não sai.

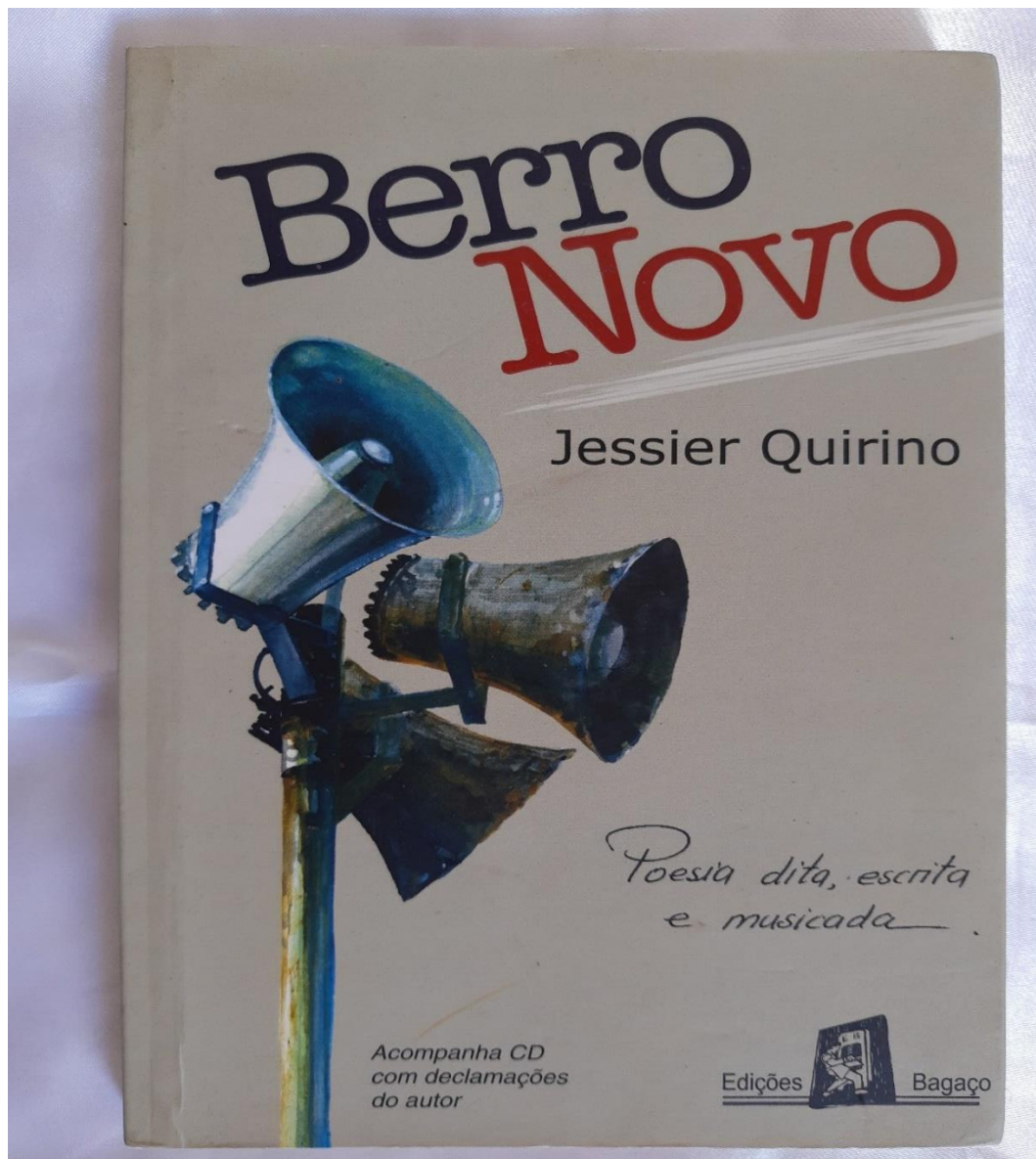
O poeta Jessier Quirino se aproveita da cultura Nordestina para deixar registrado em seus poemas elementos de uma geografia do lugar, das paisagens e da região em que ele nasceu. São três importantes conceitos geográficos com os quais o autor trabalha em suas obras. Com isso, faz um tributo aos hábitos e modos de vida do povo nordestino, dos seus jeitos de falar e de expressar seus sentimentos de pertencimento, dos traçados paisagísticos típicos da Região Nordeste e que ganham força na literatura popular ou na literatura matuta.

Quem é nordestino, se reconhece inteiramente na poesia popular de Jessier Quirino, pois na medida em que mergulhamos em sua poesia, as nuances do pertencimento local e regional vão se revelando. Territórios e paisagens típicos de um reconhecimento regional dão conta da identidade e do simbolismo retratados em cada um dos poemas expostos pelo autor que, em uma simples bodega de cidade do interior, consegue desvelar uma metanarrativa (CEIA, 2010) fantástica.

5 BERRO NOVO – POESIA DITA, ESCRITA E MUSICADA

A terceira obra escolhida para análise foi “Berro Novo” (QUIRINO, 2009), em que o autor considera como uma poesia para ser dita, escrita e musicada, pois o livro também acompanha um CD, com declamações e composições de Jessier Quirino. Podemos dizer que o autor explora os princípios da comunicação com mais riqueza de detalhes e produz uma capa com destaque para um poste de Rádio Difusora, um dos meios de comunicações mais comuns em pequenas cidades do interior do Nordeste (Figura 15):

Figura 15 – Capa do Livro Berro Novo de Jessier Quirino. Recife: Bagaço, 2009



Fonte: Arquivo da autora, 2011.

O livro “Berro Novo” (QUIRINO, 2009), foi estruturado em 70 poemas e acompanha um CD com declamação de poemas e composições do autor. A poesia de Berro Novo destaca elementos importantes da cultura nordestina, entre os quais as representações de temas do povo e da sua cultura material e imaterial. O Autor consegue apresentar elementos que envolvem as transformações sociais, decorrentes do processo de globalização, questões ambientais e políticas, nas quais existem contradições que se chocam com a realidade do povo nordestino.

A ideia central do autor foi aproveitar o processo comunicativo para colocar no ar das suas impressões os processos de expressão de uma cultura imersa nos canteiros e nas paisagens da imaginação poética. Escolhemos alguns poemas do autor para análise, entre os quais: “É o chicote do verso a lapear”; “Caminhão de mudança”; “Vende-se Sítio Assim, Assim..”, além de “Ecos Lógicos”. Segue “É o chicote do verso a lapear:

É O CHICOTE DO VERSO A LAPEAR – Cantador-repentista é quixabeira/ Dando fruto num chão esturricado/ Espaneja o sertão empoeirado/ Canta o sulco da terra preciosa/ Canta o branco do leite da Mimososa/ Canta a água embaçada dos barreiros/ Canta a forte cantiga dos cardeiros/ Dez mil vezes mais forte que as rosas/. Vai-se embora cumpade cantador/ Pega o espiche delgado dos gravetos/ E faz dele um frondoso juazeiro/. Pega o vento que escasseia no terreiro/ E faz dele um ventinho assanha-franja/. Canta os olhos cegantes de Maria/ Canta o Sol por detrás da murraria/ nodoando o infinito de laranja/. Não esqueça o versejo aperreado/ do matuto esbarrado por fadiga/ Milharal entre a cruz e a espiga/ Nem a mão suarenta na enxada/. Caveirame de rês encarniçada/ enlutando a couraça dos vaqueiros/ Planta os versos nas fendas dos lajeiros/ Que poemas campeiros vão florar/. Vai cantador de carcarás/ Vai cantador da jericada/. Canta o mato, o monturo e a garranchada/ Pois o mato taí pra se cantar/ Dá-lhe cantador dos trapiás/ Dos barreiros nas mãos das lavadeiras/ Dá-lhe cantador das carpideiras/ É o chicote do verso a lapear (QUIRINO, 2009, p. 18-19).

Quando lemos “É o chicote do verso a lapear”, vemos que Quirino (2009), escolhe o cantador e poeta das coisas do sertão como um leitor das paisagens nordestinas. O poema é um reconhecimento dos elementos da natureza e dos habitantes do interior do Nordeste. Mostra um lugar marcado pela dureza do campo, pela poeira e pela água barrenta dos barreiros. Mas também mostra a beleza do pôr do Sol entre as serras, e a vegetação que consegue sobreviver entre os períodos chuvosos e de estiagem.

O autor também destaca as experiências de morte e seca, pois o clima semiárido, são temas fortes e presentes no imaginário sertanejo, e mesmo com os investimentos em projetos de açudagem, transposição do rio São Francisco, os grandes períodos de estiagem sempre interferem diretamente na vida e na produção agropecuária do Sertão nordestino. Notamos um discurso crítico de Quirino (2009) e até certo ponto, uma tomada de posição, quando se utiliza da poesia para exaltar o povo que luta para se manter no Sertão nordestino.

Outro poema que chamou a nossa atenção se intitula “Caminhão de Mudança” (QUIRINO, 2009), pois, assim como a “Triste Partida” de Luiz Gonzaga, ressalta o processo migratório e a necessidade de sair para aventurar a vida em outra região. Para Quirino (2009, p. 20) um caminhão de mudanças, no interior é chamado de andorinha, relativizando-se com a ideia de aves migratórias (Figura 16):

Figura 16 – Caminhão de mudança – Livro Berro Novo de Jessier Quirino, 2009.



Fonte: Ilustração de Shiko. Arquivo da Autora, 2011.

A ilustração do poema Caminhão de mudança é a exata descrição da construção poética apresentada por Quirino (2009), como uma cena comum, em

especial, entre as décadas de 1970 e 1990, quando houve um grande fluxo migratório, entre a zona urbana e rural do Nordeste, inclusive com saídas do campo para os maiores centros urbanos, o que gerou o crescimento desordenado e surgimento de favelas em centros maiores como Campina Grande, João Pessoa, Recife, etc.

CAMINHÃO DE MUDANÇA – Vai pela estrada um caminhão repleto de mudança/ Levando a herança de herdeiros de poucos herdados: os engradados de uma cama finalmente em pé/ Arca e Noé prisioneiros desse estaqueado/ Encaixotados os tecidos, mimos e quebráveis/ E os incontáveis cacarecos soltos remexidos/ Dois falecidos num retrato olham pra paisagem/ Guardando imagens e lembranças dos seus tempos idos/. Um velho espelho já trincado mostra o azul do céu/ E o mundaréu ensolarado se faz de carona/ Uma meia-lona sobreposta com o melhor arrojo/ Se faz de estojo pra relíquia da velha sanfona/ Uma poltrona escancarada de pernas pra cima/ Fazendo esgrima com cadeiras, bancas e tramelas/ De sentinela dois pilões de bojo carcomido/ E um retorcido pé de bucha de flor amarela/. Em dois colchões almofadados dorme a bicicleta/ E duas setas de uma caixa mostram dois achados:/ Um emoldurado de retrato com Jesus sereno/ E o último aceno de saudade de um cortinado/ Desbandeirado segue o carro rumo a seu destino/ um peregrino pitombado de grande esperança/ Vai, na boleia, um passageiro carregando sonhos/ Vai, na traseira, dez carradas de velhas lembranças (QUIRINO, 2009, p. 21)

Ao término do poema Quirino (2009) esclarece que esse poema foi baseado em conversas com o compadre David Sento-Sé. Vemos na poesia, trajetórias de vidas que se deslocam da zona rural para as cidades pequenas e destas para centros urbanos maiores, dentro da própria região Nordeste, o que permite levar os poucos pertences em um caminhão de mudanças. A cena é de um caminhão aberto e nele os pertences da família demonstram que se trata de poucas posses, mas com valores sentimentais ou emocionais, entre os quais imagens de santos ou de parentes já falecidos.

O Caminhão de mudanças na visão de Quirino (2009) não leva apenas os objetos materiais, pois o autor destaca também que o caminhão vai carregado de histórias de vida, lembranças do lugar deixado e esperança de dias melhores para o lugar que se vai. Uma cena forte descrita no poema, diz respeito aos pertences simbólicos, com o emoldurado com fotografias de parentes falecidos, marcas do passado que são carregadas no caminhão de mudanças.

Entre os diversos poemas escolhemos o intitulado “Vende-se sítio assim, assim...”, Que trata sobre a importância do valor da terra, não apenas como a terra em si, mas pelo seu valor afetivo e suas riquezas naturais. Depois que um proprietário

faz um anúncio em jornal, que ficou tão bem escrito, o dono repensa a venda do seu sítio.

VENDE-SE SÍTIO ASSIM, ASSIM... – Meu sítio tava quebrado/ Eu sem tostão pra tocar/ pedia quinze mil conto/ Mode o sítio me livrar/ Queriam comprar na valsa/ E eu só fechava se fosse/ Tico-tico-no-fubá/. Mandei botar no jorná: Vende-se sítio assim, assim/ Etc. e coisa e tá/. O cabra bom de anúncio/ Caprichou na blá-blá-blá: (...) Tanto de palma de corte/ Terreno bom de plantar/ Estrada de Sul a Norte/ Açude chei de sangrar/ Um corredor de aveloz/ Cachorro bom de caçar/ Duas mococa leiteira/ trinta litros as duas dá/ Um papagaio falante/ Um galo bom de acordar/ Uma jumenta educada/ Que até mulher operada/ vive nela a passear/. Eu disse: “O diabo é quem vende/ um sítio dessa valia/ Se eu pedisse trinta mil/ trintamilmente eu vendia”/. Cheguei pro jornal e disse:/ “Deixe esse anúncio pra lá/ Pois o sítio anunciado/ melhor, no Sertão, não há/ Esqueça que tou quebrado/ Sou Cabôco afortunado/ Etc. e coisa e tá (QUIRINO, 2009, p.82-83).

Como vemos, a valorização das coisas, em muitos casos, depende muito da maneira como são comunicadas ou “berradas” por quem entende do palavreado como afirma o autor. O Sítio ou a terra, em muitos casos é simplesmente desvalorizada, rebaixada em seu valor monetário, mas dependendo da maneira como são expressos os seus valores, o sentido muda completamente. Assim é toda a obra de Jessier Quirino, que aos poucos vai fazendo uma poesia que aumenta a autoestima dos que possuem a identidade de sertanejos, nordestinos.

Quirino em seu berro novo deixa claro o quanto a identidade regional do Nordeste, expressa a ideia de desprezo, de desvalorização cultural e de preconceitos de região e lugar contra os nordestinos. Mas quando se canta ou se recita em poemas os valores culturais do Nordeste, conseguimos perceber o quanto o Nordeste, Sertão, Cariri e/ou Agreste são muito mais que só terra seca, espinhosa e pedregosa.

O livro ressalta muitos outros temas que estão na atualidade sempre voltados para os sertanejos e suas experiências. O processo de globalização ou as questões ambientais, que até certo ponto chamam a atenção para o uso racional do planeta. Em um curto poema intitulado “Ecos Lógicos” (QUIRINO, 2009, p. 72), ele ressalta: “Não jogue jegue no lixo/ não faça a barba com a barragem aberta/ Não escove os dentes com os rios ligados/ Só faça queimada no mau do desmatador. De uma maneira matuta o alerta é claro, direto e objetivo, pois as simples e erradas práticas cotidianas prejudicam profundamente o meio ambiente.

A valorização do espaço vivido (TUAN, 2013), fica nitidamente explícita no poema “Vende-se sítio, assim, assim...” (QUIRINO, 2009, p. 82), quando o

proprietário toma consciência da valorização que aquele lugar tinha no texto que anunciava a venda. A valorização do espaço, em muitos momentos, se dá pela sua importância simbólica e de pertencimento. As vezes os lugares são marcados pela simplicidade, mas essenciais ao viver das pessoas.

O que podemos interpretar dessa obra, para além dos interesses da Geografia Cultural é que Jessier Quirino é um homem atento as coisas do mundo, com as mudanças significativas dos comportamentos e das relações entre as pessoas. Como ele mesmo gosta de se identificar, um contador de casos, um recitador de poesias matutas ou um intérprete das histórias populares.

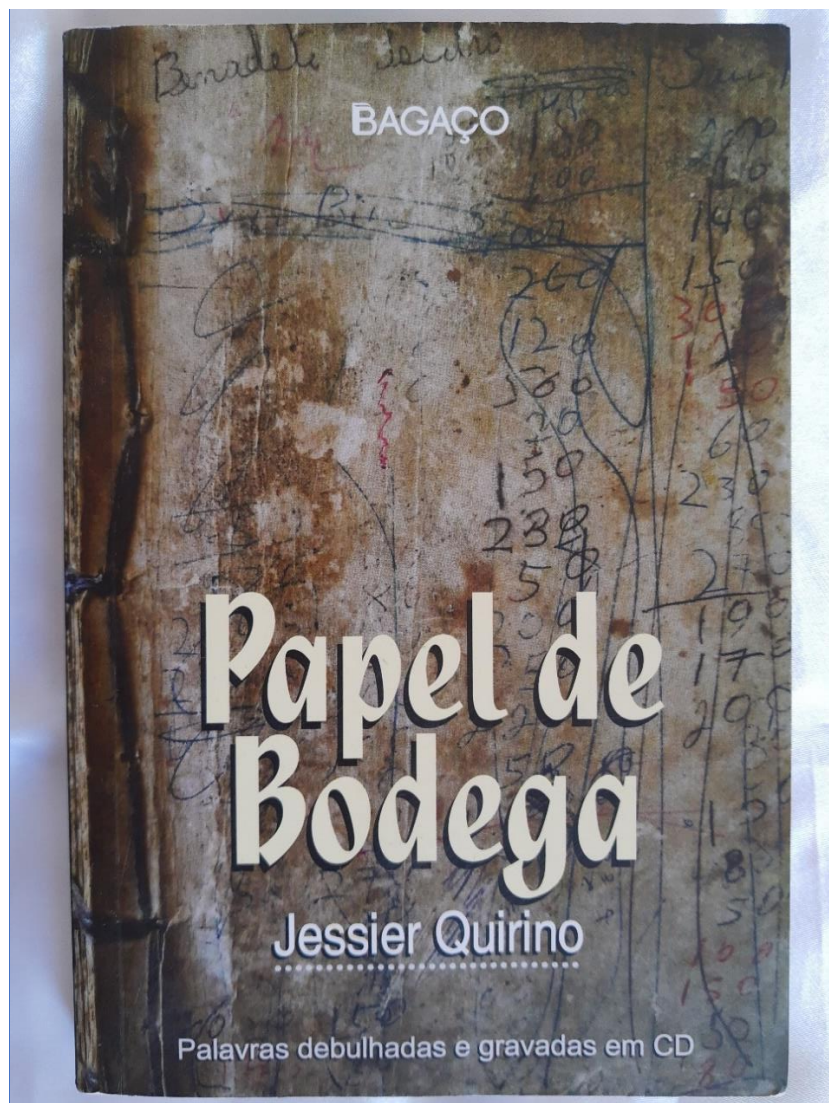
No livro “Berro Novo” (QUIRINO, 2009, p. 72) expressa um pequeno poema intitulado Ecos Lógicos: “Não jogue jegue no lixo/ não faça a barba com a barragem aberta/ não escove os dentes com rios ligados/ só faça queimada no mau do desmatador”. É uma expressão da linguagem falada e escrita, com diferentes preocupações comunicativas, entre as quais, as questões ambientais. A mensagem é curta e direta, pois são comuns as práticas de desperdício e degradação ambiental da atual sociedade de consumo.

Quirino é um grande observador das cenas e acontecimentos da vida cotidiana, das histórias ouvidas e guardadas na memória para depois trazê-las para o papel, na forma de poemas e composições que viram prosas, que se transformam em causos. Mas vale salientar que nem todo mundo tem essa capacidade ou técnica de escrever e de declamar com tanta leveza, uma história aparentemente simples, um caso de uma pessoa do povo, como um dono de uma bodega ou agricultor matuto e suas experiências e filosofias de vida.

6 PAPEL DE BODEGA – PALAVRAS DEBULHADAS E GRAVADAS EM CD

Este capítulo é o último, mas na verdade foi o livro “Papel de Bodega (QUIRINO, 2013), que nos despertou para o tema, e também pela oportunidade de ter conhecido o autor diretamente em sua residência em 24 de janeiro de 2014, dia em que ele autografou essa obra, enquanto conversáramos em sua sala. Foi a partir destes trabalhos, com a análise textual e análise do discurso, considerando alguns fragmentos literários em que a geografia é literalmente expressa, tivemos a oportunidade para analisar as obras de Jessier Quirino (Figura 17):

Figura 17 – Capa do Livro Papel de Bodega de Jessier Quirino. Recife: Bagaço, 2013



O livro “Papel de Bodega” foi estruturado em 49 poemas e 15 gravações em CD que acompanha a obra. Nesta obra existem poemas intitulados geograficamente, ao exemplo “Meteorologia”, “Geografia da Ternura”, “Ecologicamente Paz”, “Cercas e Fronteiras”, entre tantas outras que apesar dos títulos, são árvores carregadas com temas do interesse da Geografia Cultural. Os poemas são auto explicações da geografia que o autor demonstra dominar.

O Arquiteto de formação, como alguém que projeta edifícios, que planeja casas ou outros tipos de desenhos habitacionais. Conseguir na arte da escrita, vislumbrar em detalhes, o cotidiano das pessoas humildes e que em suas páginas ganham um estilo próprio de interpretação. Quirino nunca esteve só em suas obras, e faz questão de deixar isso claro. Assume que sua obra é fortemente influenciada pelos grandes escritores de poesias populares, como Zé da Luz, Luiz Gonzaga, Sivuca, entre tantos outros.

O autor relata que o livro “Papel de Bodega”, nasceu de o que ele denominou carinhosamente de “*Manuscritos do Cariri. Uma caderneta de fiados rabiscada, somada e tirada a prova dos nove pelo bodegueiro Joaquim Celestino da cidade de Ouro Velho PB – ano de 1992*” (Quirino, 2013, p. 8). Vejam que de 1992 para 2013, se passaram duas décadas para que a obra estivesse completa.

Dentre os poemas selecionados para análise, destacamos: “Obra inacabada de uma colher de pedreiro”; “Sonhos de uma cidadezinha mais ou menos”; “Como rapar um caldeirão de canjica no desmanchado da tarde de um 23 de São João”, entre outros poemas. Aqui começamos com a ideia de obra inacabada de uma colher de pedreiro:

OBRA INACABADA DE UMA COLHER DE PEDREIRO - Na vida sou
mão de ferro/ mas também sei alisar/ taliquá um João-de-Barro/ que
faz do bico a destreza/ de tirar da natureza/ o mais puro edificar/. Eu
enxergo em minha mão/ os cinco andares de um prédio: o mínimo,
anular, e médio, fura-bolo e polegar/. Empurro a mão na areia/ faço
pirão de cimento/ dou caratê em tijolo/ faço base/ assentamento/ ando
no alinhamento/ na busca de endireitar/. Reboco de lá pra cá/ chapisco
em meia colher, e acredite, se quiser/ me divirto em chapiscar/ Me
atrepo nos andaime/ arriscoso desabar/ e no fim de cada dia/ rezo três
alvenarias/ pra sorte me acompanhar/. E nessa luta de fé/ Assumo,
em voz de colher:/ no ramo da construção/ minha única frustração/ é
não conseguir pintar.../. Mas, calma, meus pessão/ eu vou dizer pra
você:/ se tiver tinta Xadrez/ e um piso pra terminar/ eu meto a mão
na cumbuca/ misturo o tal tingimento/ e cubro o chão de cimento/ com
o mais vermelho encarnado/ e deixo semiacabado/ só carecendo
encerar (QUIRINO, 2012, p. 25-26).

O poeta Jessier Quirino se utiliza da colher de pedreiro enquanto uma metáfora para destacar a grandeza dos trabalhadores da construção civil, entre os quais o pedreiro, que edifica as habitações humanas em todos os sentidos materiais do trabalho braçal. Em seu poema “Obra inacabada de uma colher de pedreiro”, temos todas as etapas de uma construção, em um paralelo com a dureza e com a delicadeza para os detalhes da obra, desde o assentar tijolos, ao rebocar e alisar um piso de cimento queimado.

O trabalho humano e o auxílio das ferramentas de trabalho como a colher de pedreiro que é uma extensão da mão humana, capaz de cortar tijolos e misturar a massa para o reboco. O trabalho que é a grande riqueza social ou coletiva e o operário em construção, sempre explorado em seu cotidiano de trabalho, correndo riscos, pois entre andaimes e andaes, faz a sua vida de pedreiro acontecer.

No poema “sonhos de uma cidadezinha mais ou menos”, Quirino (2013) realça os limites urbanos, em que algumas localidades são tão pequenas que só existe uma coisa de cada, um posto de gasolina, uma farmácia, um mercadinho, entre os tantos um apenas:

SONHOS DE UMA CIDADEZINHA MAIS OU MENOS – Casebres de duas águas com uma mãozinha de cal/ Chão de cimento queimado/ E o rodapé escarlate, puxado à tinta e cordão/ Calçamento da entrada secando fava e feijão/. Um posto de gasolina/ Vão da ladeira de cima dando pro quintal do padre/ No máximo, um primeiro andarzinho de dois andaes/ Divertimentos sonoros na boca da difusora/ Beijos bons de açúcar em namoro de portão/ Um delegado fuleiro e um soldado bronca zero/. Filete d’água corrente/ Três bodeguinhas no grau/ Caligrafias mimosas no saber das professoras/ Pé de pau bom de sossego e passarim bom de orquestra/. Salão & Barbearia Três Reis-Mago ou Três Irmãos:/ Dois segurando e um cortando/ Dor na barriga do riso do moleque risador/ Candeeiro fumarento a partir d’ave-maria/ Poço de sabedoria no quengo do rezador/ Matutos matraqueados: Zé, Antõe, Bastim e Pêdo/ Povo “bicho de piaba” que nunca guarda segredo/ E a conversa beradeira segregada na calçada/. O mundo se espedaçando e a cidadezinha nada/ E agora, quando meus versos se doze e meiam na noite/ Lá vai ela em décimo sono de franqueza enroladinha (QUIRINO, 2013, p. 27-28).

A Geografia Cultural em seus diferentes aspectos como as de uma cidade pequena, podem ser reveladas no poema de Quirino (2013). Um ritmo espaço-tempo totalmente diferente do ritmo dos grandes centros urbanos. A pequena cidade é marcada por uma tranquilidade do lugar, como um espaço em que quase todo mundo se conhece e em que os papéis sociais são muito bem definidos. O autor expõe de

maneira objetiva o ritmo urbano dos pequenos lugares, e nestes, as atividades econômicas são extremamente limitadas, ao ponto de termos atividades rurais se misturando com atividades urbanas, como destacado no pequeno número de moradias, no feijão e fava secando no meio da rua, ou nos únicos equipamentos urbanos para atender a pequena demanda de moradores.

Não poderíamos deixar de fora desse estudo algum poema que tratasse diretamente da culinária nordestina, em especial daquela servida em meio as festas juninas, com destaque para Santo Antônio, São João, São Pedro e Santana, pois estas festas coincidem com a colheita do milho verde e com as comidas de milho como canjica, pamonha, bolos, doces, milho assado, milho cozido e muito forró, xaxado e baião.

COMO RAPAR UM CALDEIRÃO DE CANJICA NO DESMANCHADO DA TARDE DE UM 23 DE SÃO JOÃO – Primeiro, Dona Maria,/ Largar de tanto vexame/ E, no arrepio do vento,/ Deixar o rico alimento/ No caldeirão esfriar/. Cuidar em limpar a casa/ Que se deu pra canjicada./ Depois da casa bem limpa,/ Varrida e passada um pano,/ Encobrir-se em bãe de cuia: Água quebrada a frieza.../ E sair de macieza/ Só brilhando a sabonete,/ Pra não ofuscar o lume/ De tanta canjicação/. Reservar para audição/ Somente um ruídozinho/ De bomba estalo-bebé/ De um traque, um busca-pé/ E o pipoco festejado/ De um foguetão distante/. Sentar num banco afundado/ Com toda a casa em silêncio/ E abraçar, de caçoada/ O caldeirão da canjica/ Assim feito um zabumbeiro/ Acalentando um baião/. Com a colher de pau na mão/ No oco do caldeirão,/ Remar de força junina/ E mesmo sem etiqueta/ Lamber dedão de chupeta/ E começar a função/: Rapar somente a beirada/ E um pouquinho do cascão/ E convidar a plateia: Cinco filho em rafameia/ Pra seção de pré-estreia/ De uma festa de São João (QUIRINO, 2013, p. 43-44).

Quando falamos de literatura popular, de poesias sertanejas ou matutas, cordéis ou canções populares, sempre nos deparamos com os temas das comidas típicas e, entre estas, as de maior destaque são aquelas ligadas aos festejos juninos, na grande maioria, derivadas do milho verde, que no Nordeste ganha efeitos especiais.

Para quem é filho de Nordeste e de famílias numerosas, vivendo em cidades pequenas ou na zona rural, sabe muito bem o que é um caldeirão de canjica e, em especial, quando a nossa mãe retira a canjica do caldeirão e deixa apenas a raspa ou aquela parte que grudou no caldeirão chegando ao ponto de queimar. É um verdadeiro evento. Tanto o preparar das “comidas de milho”, quanto a parte mais aguardada, a partilha da raspa do tacho da canjica, cada qual armado com sua colher.

A cultura nordestina é fortemente influenciada pelos festejos juninos e neles se inclui as danças típicas como: forró, xote, xaxado e o baião. As danças de quadrilhas, as lapinhas, cirandas e coco de rodas são exemplos marcantes dos festejos das noites de Santo Antônio, São João e São Pedro, além das festas de Santana que ocorre no último sábado do mês de julho. Mas as comidas típicas, feitas a base do milho verde, são marcas registradas em todas as famílias e lugares que estejam em festa.

Quirino (2013, p. 43-44), demonstra “como rapar um caldeirão de canjica no desmanchado da tarde de um 23 de São João”. Em minha cidadezinha de Rio Tinto, lembro com saudade desses tempos de São João, pois sou de uma família grande e era comum nos reunirmos com meus pais, avós, irmãos, tias e primos, para o preparo das comidas juninas.

Cada um tinha uma função, desde despalhar o milho, ralar ou liquidificar o milho, fazer as embalagens das pamonhas e mexer a canjica, na minha infância no fogão de carvão. Era maravilhoso acompanhar essa festa. Os alimentos de milho são sagrados para os nordestinos: a pamonha, o milho cozido, o milho assado na fogueira, bolos de milho e mandioca, pé-de-moleque e a tradicional canjica.

Como era bom ficar esperando minha mãe com aquele caldeirão ainda quente com a rapa da canjica, já querendo queimar. Aí era uma briga para ver quem deveria raspar a parte mais deliciosa da canjica. Lembro de minha mãe polvilhando canela em pó e a gente se deliciava com essas gostosuras.

Lendo as poesias de Quirino, nos diferentes livros, percebemos o quanto a geografia dos sentimentos, sabores e emoções se misturam com as vivências ou experiências vividas, as histórias de vida do povo nordestino, escrita, contada e cantada pelos cordelistas, repentistas, forrozeiros e poetas populares. Os lugares e as identidades locais, são expressos nos hábitos ou costumes de um povo. Os modos de falar, a constituição dos sabores, são alguns dos adereços materiais e imateriais da Cultura do povo nordestino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaríamos de destacar que devido ao tamanho ideal para a composição de um trabalho monográfico, não foi possível analisar todos os poemas das obras escolhidas, mas dos livros escolhidos, fizemos uma seleção prévia, e nesse sentido, destacamos o “Mapa da liberdade” em que Quirino (2013) nos conta toda a sua trajetória a partir de poemas que se destacaram em escala nacional e que em alguns casos serviram de título para suas obras, ao exemplo de Paisagem do Interior, Prosa Morena, Berro Novo, Papel de Bodega, Bandeira Nordestina, etc.

Podemos dizer que a Geografia Cultural e a Literatura, especialmente a regionalista, se encontraram na obra literária de Jessier Quirino, que nos permitiu diálogos ricos entre a Geografia Cultural e a Poesia Popular. Com isso, percebemos que a cultura é uma das mais importantes produções dos seres humanos em seu processo evolucionário e de transformação social, econômica e política.

Podemos dizer que foi um acerto elegermos categorias geográficas como: Região, Lugar, Paisagem e Território, para através da Geografia Cultural e da Literatura, dialogar com as obras do poeta paraibano Jessier Quirino, entre as quais: “Paisagem de interior”, (1996); “Prosa Morena” (2001); “Berro Novo” (2009) e; “Papel de Bodega” (2013), Todas publicadas em Recife/PE, pela Editora Bagaço.

Jessier Quirino consegue dialogar poeticamente com objetos inanimados, recriando com sua poesia o itinerário cultural do povo nordestino. Bebendo de uma fonte quase que inesgotável de casos populares e de outros autores do seu quilate, o autor consegue transformar uma conversa de bodega em geografia pura, completamente ancorada à literatura popular. Escolhemos primeiramente o livro “Paisagem do Interior” (QUIRINO, 1996). Este livro é profundamente geográfico, com elementos de identidade local, regional, paisagística e territorial típicos do lugar e da cultura vivenciada pelo autor desde a sua infância.

“Prosa Morena” (QUIRINO, 2001) é recheado de lugares como bodegas, quintais, feiras, casas de taipas de chão batido. O autor chama a atenção do leitor para detalhes espaciais como uma cozinha de casa de fazenda ou uma cozinha com fogão de lenha, carvão, em que os lugares domésticos aos quais estamos imersos, nem sempre percebemos, enquanto diferenciações espaciais.

No livro “Berro Novo” (QUIRINO, 2009), o autor expõe percepções geográficas que se estendem do Sertão até o Atlântico e do mar até o Sertão. Dos detalhes em um caminhão de mudanças. Para quem pensa que se trata de uma geografia pequena, se engana, e precisa visitar a obra para tirar suas próprias conclusões.

Escolhemos seguir a linha temporal de publicações do autor, daí o “Papel de Bodega” (QUIRINO, 2013), em que o autor esclarece logo no começo da obra que ganhou essa caderneta de fiados, a qual denominou carinhosamente de “manuscritos do Cariri”, que pertenceu ao bodegueiro Joaquim Celestino, da Cidade de Ouro Velho PB – ano 1992. As poesias nesta obra chegam a ser nominadas com termos geográficos, ao exemplo de “Meteorologia”, “Geografia da Ternura”, “Cercas & fronteiras”, “Ecologicamente paz”, “Brisa sertaneja”, entre tantos outros que aqui ficaremos devendo, pois nem tudo se registra em um papel de bodega.

Chegando aos finalmentes, entendemos que seria impossível trabalharmos estas quatro obras na íntegra, daí a necessidade dos recortes e escolhas poéticas que estiveram diretamente relacionados com o que chamamos de categorias de análise da geografia, como: cultura, lugar, paisagem, espaço, território, sociedade e natureza, nessa transdisciplinaridade com a Literatura, a Educação e com a Antropologia Cultural.

A escolha metodológica pautada pela análise textual das obras selecionadas, nas quais escolhemos os poemas, casos ou histórias contadas pelo autor, considerando as memórias e experiências contidas nos arranjos literários, deu conta em nos permitir todas as análises poéticas na perspectiva de temas da Geografia.

O Trabalho Monográfico sempre deixa lacunas, mas na verdade, algumas foram propositais, para deixar os leitores curiosos e interessados em beber a água diretamente na fonte. Pois Jessier Quirino é muito cristalino em seus escritos e por incrível que pareça, cada vez que lemos um dos seus poemas, são criadas novas correntes neurais em nossa mente, pois vemos cenários e construímos novas imagens e novas percepções da realidade vivida, a partir do que o autor viveu ou simplesmente criou literariamente para que pudéssemos viver de maneira ficcional.

Para não deixar esse trabalho inconcluso, queremos expor um dos menores poemas e talvez o mais profundo da série literária estudada, é o pequeno escrito por Quirino (2013, p. 83): “Ecologicamente Paz – Um canoeiro navegando em canoa empurrada à vara: Veículo movido à paz natural”.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN; São Paulo: Cortez, 2009.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica de lugar – as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.
- BELIZÁRIO, Maria Aletheia Stedile; OLIVEIRA, Marcele Lima de; VILAR, Maria Juliana Leopoldino. **Geografia e Literatura: a leitura como ferramenta de entendimento geográfico**. Fortaleza/CE: VI CONEDU. 2019. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA17_ID11761_03102019221242.pdf> Acesso em 10 de outubro de 2020, 23:30 Hs.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org.) **Geografia Cultural – uma antologia – vol. II**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. pp: 265-292.
- BROSSEAU, Marc. O romance: outro sujeito para a geografia. In: CÔRREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Literatura, música e espaço**. Coleção Geografia Cultural; 14. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. pp. 79-122.
- CAETANO, Gessica Nene. BEZZI, Meri Lourdes. **Reflexões na geografia cultural: a materialidade e a imaterialidade da cultura**. Uberlândia-MG: Revista Sociedade & Natureza. (*On-line version* - ISSN 1982-4513. Soc. nat. vol.23 no.3, Sept./Dec.2011. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1982-45132011000300007&script=sci_arttext. Acesso em 13 de março de 2020.
- CARLOS, Ana Fani Alexandri. **A Cidade**. São Paulo, 1996.
- CEIA, Carlos. **Metalinguagem**. Portugal: E-Dicionário de Termos Literários, *by Ivete Walty, 20 Junho 2010*. Disponível em <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/metalinguagem/>>, Acesso em 12/08/2020, 20:32hs.
- CLAVAL, Paul. **A GEOGRAFIA CULTURAL**. Florianópolis/SC: Ed. da UFSC, 1999.
- CLAVAL, Paul Charles Christophe. **Geografia Cultural: Um Balanço**. Londrina/PR: Revista Geografia (Londrina). V. 20. Nº 3, p005 a 024, set/dez. 2011. Disponível em <<file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Documents/Erica%20Mariano/Artigo%20Geografia%20Cultural%20Uma%20Balan%C3%A7o.pdf>>. Acesso em 22 de abril de 2020, as 16:45hs.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1990.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajatórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

- CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny. **Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda**. In: CORRÊA, R, L. ROSENDAHL, Z (org). Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CORUMBÁ, Venâncio. GUIMARÃES, João. **Último Pau-de-Arara** (gravado por Luiz Gonzaga). UMG (em nome de Universal Music International Ltda.); LatinAutor - UMPG, UNIAO BRASILEIRA DE EDITORAS DE MÚSICA - UBEM, UMPG Publishing e 2 sociedades de direitos musicais. Rio de Janeiro, 1956.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra – natureza da realidade geográfica** (1899-1967). Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FERREIRA, Solange Terezinha de Lima. **A percepção geográfica da paisagem dos gerais no Grande Sertão: Veredas**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro/SP: UNESP, 2007.
- GADELHA, Maria da Gloria Pordeus. OLIVEIRA, Severino Dias de (SIVUCA). Letras de Feira de Mangaio © Universal Music Publishing Mgb Brasil Lt, UNIVERSAL MUSIC MGB SONGS OBO UNIVERSAL MGB BRASIL., 1971.
<https://www.letras.mus.br/sivuca/765540/>
- GOMES, Edvânia Torres Aguiar. **Natureza e cultura: representações na paisagem**. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 50-70
- GOMES, Paulo César da Costa Gomes. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995
- GONZAGA JÚNIOR, Luiz (Gonzaguinha). **Coisa Mais Maior de Grande - Pessoa**. Selo EMI – 31C 064422887D. Formato Vinyl, LP, Album Gafefold, Brazil, 1981
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- HAESBAERT, Rogério. **Território, cultura e des-territorialização**. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- HEIDRICH, Álvaro Luiz. **Sobre nexos entre espaço, paisagem e território em um contexto cultural**. In.: SERPA, Angelo. (org). *Espaços culturais: vivência, imaginações e representações*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- KOGA, Dirce. **MEDIDAS DE CIDADES: Entre territórios de vida e territórios vividos**. São Paulo: Cortez, 2003.
- MARIANO, Vítor Hanael de Sousa. **Tradutor do Resumo para Inglês**. João Pessoa/PB. 14/12/2020.
- MARIANO NETO, Belarmino. **Ecologia e Imaginário: memória cultural, natureza e submundialização**. João Pessoa: UFPB/Universitária, 2001.

MARIANO NETO, Belarmino. SALES, Luiz Gustavo de Lima; SALES, Ricélia Marinho de Lima Sales. Geografia: Referenciais Curriculares do Ensino Médio do Estado da Paraíba. (Coordenadoria de Ensino Médio). João Pessoa, Paraíba: Secretaria de Estado da Educação e Cultura. Agosto de 2006. **ISBN 978-8598357-33-1**

MELO, Rosilene Alves de. **Do rapa ao registro: a literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil** (Documentação). São Paulo: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. Nº. 72, Jan./Abril, 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0020-38742019000100245>. Acesso em 23/10/2020, as 22:10 Hs.

MOTA, Mauro. **Geografia Literária**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961. SEGISMUNDO, Fernando. Literatura e Geografia. Boletim Geográfico, v.VII, n.76, p.327-332, jul.1949.

OLIVEIRA, Marcele Lima de. **Geografia e Literatura: O conceito de território na trilogia Jogos Vorazes** (TCC - Graduação em Licenciatura Plena em Geografia). Guarabira: UEPB/CH/DG, 2018.

OLIVIERIA, Livia de. **Percepção do Meio Ambiente e Geografia: Estudos Humanistas do Espaço, da Paisagem e do Lugar**. In.: MARANDOLA, Eduardo Jr; CAVALCANTE, Tiago Vieira (Orgs.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia. **Análise crítica do discurso e teorias culturais: hibridismo necessário**. São Paulo. Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. Vol. 21, 2005. INSS 1678-460X. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000300004&lng=pt&tlng=pt> Acesso em 18/05/2020. As 15:21 hs.

QUIRINO, Jessier. **Berro Novo**. Recife/PE: Editora Bagaço, 2009.

QUIRINO, Jessier. Caminhão de Mudança (Canal de Richardson Rodrigo, 2011. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=1xKV-0azShI>>. Acesso em 17 de julho de 2020. 15:34 hs.

QUIRINO, Jessier. **Canal Jessier Quirino no Youtube**. Itabaiana/PB <<https://www.youtube.com/user/jessierquirino>>.

QUIRINO, Jessier. **Paisagem de Interior (Recital). Itabaina/PB, 2019** - (Canal Jessier Quirino - Canal Território de Bodega). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=HILo9JrYFDU>>. Acesso em 23 de junho 2020, as 17:43 hs.

QUIRINO, Jessier. **Paisagem de interior**. Recife/PE: Editora Bagaço, 1996.

QUIRINO, Jessier. **Papel de Bodega**. Recife/PE: Editora Bagaço, 2013.

QUIRINO, Jessier. **Prosa Morena**. Recife/PE: Editora Bagaço, 2001

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. **Análise de Conteúdo e análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória**. Rio de

Janeiro: Alea_ Estudos Neolatinos. Vol. 7, nº 2, Jul/dez. 2005. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2005000200010>. Acesso em 09/06/2020. As 1520hs

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo, Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4.ed. São Paulo: Edusp, 2009, 384p.

SANTOS, Milton. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: EDUSP, 2008a.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5.ed. São Paulo: EDUSP, 2008b [1978].

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização: do pensamento único a consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SERPA, A. **Por uma geografia dos espaços vividos**. Geografia e Fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019.

Silva, José Borzacchiello da. **É geografia, é Paul Claval**. (In: Maria Geralda de Almeida, Tadeu Alencar Arrais, Orgs.). Goiânia: FUNAPE, 2013.

SUZUKI, Júlio César. **Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos**. Revista do Centro de Pesquisa e Formação, n.5, p.129-147, set.2017.

SUZUKI, Júlio César. **Geografia, Literatura e Arte**, v.1, n.1, p.1-4, jan./jun.2018 DOI: 10.11606/issn.2594-9632.geoliterart.2018.141571. disponível em <<file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Documents/Erica%20Mariano/Artigo%20Geografia%20Literatura%20e%20Arte.pdf>>. Acesso em 12/08/20. 23:30hs.

TUAN, Yi-Fu. Paisagens do medo. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**, (Tradução de Livia de Oliveira) Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Y-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.